

REDE ENSINAR BRASIL
FACULDADE DOCTUM DE JUIZ DE FORA

CAROLINE AP. GARCIA DE SOUZA

**A FEIRA COMO ESTRUTURADORA URBANA E ARTE DO ENCONTRO:
Requalificação do Mercado Municipal do Produtor Rural José Antônio Mendes,
em Ubá-MG.**

JUIZ DE FORA
2019

CAROLINE AP. GARCIA DE SOUZA

A FEIRA COMO ESTRUTURADORA URBANA E ARTE DO ENCONTRO:

**Requalificação do Mercado Municipal do Produtor Rural José Antônio Mendes,
em Ubá-MG.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo, como requisito parcial para
obtenção do grau de Grau de Arquiteto
e Urbanista.
Área de Concentração: Revitalização
aplicada em Arquitetura.**

**Orientadora: Prof. MSc. Victor Godoy
Nascimento.**

JUIZ DE FORA

2019

AGRADECIMENTOS

Em especial gostaria de gratificar meus pais, Ricardo Alexandre e Maria Goretti e ao meu irmão Diego, que abraçaram meu sonho e seguiram esse caminho de muitas batalhas e conquistas ao meu lado. Gratidão por todo esforço financeiro, dificuldades que passaram e a luta diária para promover todo conforto que me proporcionam em Juiz de Fora. Sem vocês nada disso seria possível. E sempre me lembrando que sem esforço não há progresso.

Agradeço a todos meus companheiros de caminhada pela compreensão em todos os momentos e fases dessa jornada. Obrigada por cada abraço e palavras em momentos difíceis e pelas risadas nos momentos de alegria. Agradeço imensamente aos meus colegas de turma pela paciência, compaixão e amizade ao decorrer desta trajetória tão importante em minha vida. Não podendo esquecer dos meus serezinhos cheios de amor, meus gatos e cachorros (Pretinha, Manu, Fred, Geleia, Tom, Bob e Mostarda), que sempre foram meu refúgio e minha saudade diária em todos esses anos. Agradeço a eles por proporcionarem momentos de paz e muita alegria.

Ao Andrei que esteve comigo na maior parte desta trajetória, obrigada pelo suporte e calma de sempre, pelo carinho, respeito e apoio, sua energia fez toda diferença para vencer mais essa etapa. Obrigada por acreditar que sou capaz. Amo você.

Obrigada meus novos amigos da Enactus e LabDoctum (movimentos estudantis) que tive o prazer em fazer parte. Vocês mudaram minha vida, agradece demais por cada instante compartilhado, a cada prática, projeto que pude fazer parte. Admiro um time, obrigada pelo apoio e evolução diária!

Aos meus professores e orientadores um muito obrigada por toda sabedoria compartilhada. Só tenho a agradecer por todos esses anos de muita evolução. Admiro todos vocês, obrigada pela oportunidade de convívio. Gratidão.

“ A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros
pela vida.”

- Vinícius de Moraes

RESUMO

A proposta deste trabalho vai além de compreender as atividades dos pequenos agricultores, artesão, e perceber a importância de sua valorização. A partir deste estudo esperamos que os cidadãos e prestadores deste serviço reconheçam nossas raízes, nossa cultura, e admirem o mercado/ feira-livre que nos trazem tantos encontros e percepções. Mais especificamente na cidade de Ubá, Minas Gerais, a qual sua economia um dia já foi a agricultura e agora é deixada completamente de lado, focando totalmente na indústria moveleira.

Consistindo voltar o olhar para o espaço público citado, procura-se mostrar as possibilidades de novas visões que modificam o meio urbano. A tradição de ir à feira livre, é um excelente exemplo de troca social e de quebra do ritmo que habita o cotidiano.

Mostrar o valor deste ambiente na cidade é o maior objetivo deste estudo, expondo a nova ideologia de mercado, potencializando a cultura e a economia na cidade de Ubá. Apresentando possibilidades de requalificação do espaço já existente, e preconizar novos usos para potencializar a economia e emponderar os produtores locais, através de um Epicentro Cultural Feira-Livre. Originando em empreendimento com identidade, sustentabilidade, flexibilidade e muito encontro.

Palavras-chave: Mercado Público. Feira-Livre. Lugar de encontro. Produtor Local.

ABSTRACT

Purpose of this work goes beyond understanding the activities of small farmers, artisans, and perceive the importance of their value. From this study, we hope that citizens and providers of this service will recognize our roots, our culture, and admire the market / free fair that brings us so many meetings and perceptions. More specifically in city of Ubá, Minas Gerais, which its economy once was agriculture, and now it's completely set aside, focusing entirely on the furniture industry.

Consisting in go back our gaze to the public space mentioned, trying to show the possibilities of new visions that change the urban environment. Tradition of going to free market is excellent example of social exchange and breaking of rhythm that inhabits in daily life.

Showing the value of this environment in the city is the biggest objective of this study, exposing the new market ideology, enhancing the culture and economy in the city of Ubá. To present possibilities for requalification in existing space, and announce new uses to enhance the economy and delegate local producers through an Cultural Epicenter Free Fair. Originating a venture with identity, sustainability, flexibility and much encounter.

KEY-WORDS: Public Market. Open Market. Venue. Local Producer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comércio no interior do Fórum no Império Romano -----	18
Figura 2 - Perspectiva do Mercado de Trajano, Roma -----	19
Figura 3 - Planta Baixa do Mercado de Trajano, Roma -----	20
Figura 4 - Antiga Feira Livre de Feira de Santana na Bahia -----	23
Figura 5 - Chinampa -----	27
Figura 6 - Representação gráfica qualidade de ambientes externos x aumento das atividades sociais -----	35
Figura 7 - Barraca do projeto de Transição Agroecológica da Agricultura Familiar --	40
Figura 8 - Barraca do projeto de Transição Agroecológica da Agricultura Familiar(02) -----	41
Figura 9 - Box interno do mercado -----	41
Figura 10 - Mapa do Macrozoneamento do Município de Ubá-MG -----	42
Figura 11 - Mapa de localização e acesso ao terreno -----	43
Figura 12 - Entrada Mercado Municipal -----	44
Figura 13 - Mapa análise entorno Mercado -----	44
Figura 14 – Bicicletas -----	45
Figura 15 - Barracas calçada -----	46
Figura 16 - Mapa de usos do entorno -----	47
Figura 17 - Fórum Cultural de Ubá -----	47
Figura 18 - Mapeamento dos espaços públicos do entorno -----	48
Figura 19 - Mapa de cheios e vazios -----	49
Figura 20 - Estacionamento ao lado do mercado -----	49
Figura 21 - Espaço recuado galpão -----	50

Figura 22 - Galpão Mercado Municipal -----	50
Figura 23 - Fissura blocos de fechamento galpão -----	51
Figura 24 - Infiltração vigas -----	51
Figura 25 - Fissura pilares -----	52
Figura 26 - Corredor interno do galpão -----	53
Figura 27 - Corredor interno do galpão -----	53
Figura 28 - Box Alimentos -----	54
Figura 29 - Comércio estacionamento -----	55
Figura 30 - Feirantes calçada -----	56
Figura 31 - Fachada Mercado Boca -----	58
Figura 32 - Interior Mercado Boca -----	58
Figura 33 - Torre de panelas -----	59
Figura 34 - Planta baixa pavimento inferior -----	60
Figura 35 - Planta baixa pavimento superior -----	60
Figura 36 - Corte -----	61
Figura 37 - Pátio interno mercado 24 de Julho no Século XX -----	62
Figura 38 - Pátio interno mercado anterior a 1893 -----	63
Figura 39 - Pátio interno mercado anterior a 1893(02) -----	63
Figura 40 - Esquema de reconstrução do mercado- Alçado Principal -----	64
Figura 41 - Organograma funcional -----	65
Figura 42 - Fachada Mercado Ribeira após a última intervenção -----	66
Figura 43 - Interior Mercado Ribeira após a última intervenção -----	66
Figura 44 - Pavilhão do Brasil -----	67
Figura 45 - Pavilhão do Brasil(02) -----	68

Figura 46 - Pavilhão do Brasil(03) -----	69
Figura 47 - Pavilhão do Brasil(04) -----	70
Figura 48 - Pavilhão do Brasil(05) -----	71
Figura 49 - Estudo de ventilação e insolação -----	72
Figura 50 - Estudo de implantação -----	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	12
1.1.1 Objetivo Geral	12
1.1.2 Objetivo Específico	12
1.2 JUSTIFICATIVA	13
1.3 METODOLOGIA	14
2 RAIZES BRASILEIRAS	16
2.1 SURGIMENTO DAS FEIRAS NAS CIDADES	16
2.1.1 No Brasil	20
2.1.1.2 O Artesanato	24
2.2 A AGRICULTURA COMO ECONOMIA URBANA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	26
3 ESPAÇOS PÚBLICOS E REQUALIFICAÇÃO	29
3.1 PERMANECER E UTILIZAR	31
3.2 O MERCADO PÚBLICO COMO ESTRUTURADOR URBANO	33
4 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	38
4.1 ANÁLISE CULTURAL E SÓCIO ECONÔMICA DA CIDADE DE UBÁ - MG	38
4.2 HISTÓRIA DA FEIRA DE UBÁ-MG	39
5 DIAGNÓSTICOS	42
5.1 ESTUDO DA ÁREA DE PROJETO E SEU ENTORNO	42
6 ESTUDO DE CASO	57
6.1 MERCADO BOCA – NOVA LIMA – MG	57
6.2 MERCADO DA RIBEIRA - LISBOA – PORTUGAL	61
6.3 PAVILHÃO DO BRASIL - MILÃO - ITÁLIA	66
7 PARTIDO PROJETUAL	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

Um afeto grandioso as atividades manuais, conduziu-se um olhar delicado em direção aos episódios do cotidiano, encaminhando este trabalho a feira livre como ponto de partida para análise e construção de um projeto de requalificação de um espaço público como suporte potencializador dos acontecimentos urbanos.

Quaisquer feiras a partilha transcende a fronteira de compra e venda de mercadorias. Lugar de encontro, de troca, de vivência coletiva e de energia contagiante, faz com que todo afeto se propague. Toda semana as cores, os sons e os carrinhos cheios envolvem a comunidade com alegria, atenção e dedicação.

Com isso, a escolha do tema mira na necessidade de buscar espaços públicos mais saudáveis através de um equipamento urbano, proporcionando o convívio social com o intuito de englobar a ideologia de que cidades são feitas para pessoas.

A importância das feiras não se dá apenas nas características já citadas, mas também contribuem de forma incomum com as novas formas de consumo e estilo de vida da população. A transformação da forma de produção dos alimentos, especialmente a preocupação com o meio ambiente, animais e bem-estar, estão totalmente ligadas neste tipo de mercado. A evolução das tecnologias agroindústrias caminham na contramão desta transformação, mediante muitos fatores dentre eles sobretudo o uso exacerbado e incontrolado de agrotóxicos. Essa realidade do mundo agroindustrial traz a verdadeira importância da valorização dos pequenos produtores, que buscam o respeito a saúde do consumidor e a natureza, agregando a identidade orgânica.

A presente proposta não visa modificar o caráter da feira livre, e sim abrir possibilidade quanto infraestrutura, promovendo convívio social e tornando-o um equipamento urbano. A partir daí gerando espaços para possibilidade de encontros, troca de ideias, fortalecimento da tradição local e sensação de pertencimento. Para reforçar essa concepção, Jane Jacobs em “Morte e vida das grandes cidades” (1961), aponta que:

“Nossa ‘qualidade de vida’ não pode depender de guetos protegidos por muralhas, alarmes e exércitos privados. Por isso devemos voltar a olhar o espaço público como o coração da vida moderna; seu projeto, seu uso, sua gestão e novas funções”. (JACOBS, 1961, Morte e vida das grandes cidades).

Inicialmente a monografia tem como objetivo analisar a história dos produtores do campo e da cidade, de forma a ambientar o leitor com esta realidade. Relacionando estes com o meio urbano, espaços culturais, feiras livres e ainda com o consumo da população.

Em um segundo momento entenderemos como esta realidade se deu na cidade de Ubá-MG, mostrando as principais problemáticas da atual Feira (Mercado Municipal do Produtor Rural José Antônio Mendes). E último elaborando uma proposta de requalificação, que terá como foco o empoderamento dos feirantes e da população Ubaense, integrando cultura, consumo, lazer e arquitetura.

1.1 OBJETIVOS:

1.1.1 Objetivos Gerais:

O objetivo geral do presente estudo é enfatizar a importância dos produtores locais, por meio da intervenção arquitetônica e urbanística associando o meio urbano, espaços culturais e as feiras livres. Potencializando o Mercado Municipal do Produtor Rural José Antônio Mendes em Ubá-MG, culturalmente e economicamente, trazendo enfoque para uma nova visão voltada ao bem estar da população.

1.1.2 Objetivo Específico:

Para que o estudo tenha ênfase em seu objetivo geral, foram concebidos os seguintes objetivos específicos:

- Estudar a organização dos Produtores Autônomos do Campo e da cidade no Brasil e como a sociedade concebe os mesmos.
- Relacionar o Mercado Municipal como um potencial sociocultural e socioeconômico.
- Compreender a história da Feira em Ubá-MG.
- Realizar estudos de caso de propostas similares.
- Reestruturar o Mercado Municipal do Produtor Rural José Antônio Mendes em Ubá-MG, tornando-o um Epicentro Feira Cultural.

1.2 JUSTIFICATIVA

Refleta:

Descubra [novos] potenciais em condições existentes. (KOOLHAAS, Rem. Conversa com estudantes,2002, p.62).

A concepção de requalificação surgiu através da visão pessoal crítica, decorrente a três fatores: as idas ao Mercado Municipal, nas quais foram constatadas as reais situações do local, pelo peso da tradição familiar passada pelo meu bisavô materno. Autodidata em terapia alternativa (Homeopatia), repassou para seu neto mais velho José Garcia Filho, no qual ocupada, esta função até os dias de hoje como feirante, sua maior fonte de renda. Esta tradição em uma cidade do interior de Minas Gerais, é de grande referência cultural e econômica. E pelo amor ao artesanato, arte popular brasileira, tão falada, mas mal compreendida.

Desde 1999 o Mercado Municipal de Ubá-MG se encontra em um terreno subutilizado, na principal avenida e centro da cidade. O espaço se dá em um galpão com grande potencial de uso, porém, se encontra em superlotação causando, desde conflitos internos á congestionamentos em via pública. Justificando assim, estudar o tema abordado e desenvolver uma proposta para adequação deste espaço.

A memória é de um fenômeno estritamente individual, íntimo e próprio da pessoa, contudo, ele salienta, os elementos constitutivos da memória são os acontecimentos vividos pessoalmente, os acontecimentos vivenciados pelo grupo ou pela coletividade, os quais a pessoa se sente pertencer embora nem sempre ela tenha de fato participado do acontecimento, e a socialização política ou histórica que gera um fenômeno de projeção ou identificação com determinado passado, que o autor designou como “memória herdada”. A memória, assim, está associada a acontecimentos, personagens e lugares que podem ser reais, empiricamente fundada em fatos concretos, bem como podem ser também fruto de projeções de eventos, não necessariamente vivenciados pelo indivíduo. (POLLAK, Memória e Identidade Social, Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992).

Desta forma, ao falar de memória individual demonstra ser apenas uma ótica sobre a memória coletiva. Indicando as experiências vividas e compartilhadas com a sociedade, mesmo que esteja apenas registrado na memória do indivíduo, Pollak acredita que a memória é construída por meio da vivência social, mostrando a importância dos espaços de encontro e socioculturais para sociedade.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia usada para o alcance dos objetivos do presente trabalho é composta inicialmente por um estudo bibliográfico feito na literatura, em artigos, periódicos em relação ao tema e foram realizados estudos de caso de propostas similares. Além do estudo bibliográfico foram realizados estudos sobre as normas específicas, legislação municipal vigente e a utilização das redes sociais com o apoio de informações fornecidas pela comunidade.

Para a definição da área objeto de estudo, adotou-se a metodologia de análise de campo visitando o local e aplicando um questionário informal para identificar as reais necessidades e desejos dos feirantes, usuários da feira livres e a população em geral.

Para conseguirmos adotar diretrizes de forma precisa, foram feitos três estudos de casos de edificações distintas, com propostas e potenciais heterogêneos. Para abrangermos culturas e linhas de pensamentos alternados relacionando-os com o determinado estudo.

Com a relação ao entorno foram desenvolvidos mapas síntese ressaltando todas as características do local direcionando a proposta projetual para uma realidade próxima das necessidades de todo município.

2 RAIZES BRASILEIRAS

A interação da cultura popular com a cultura brasileira é comum na sociedade. Prescrever que a cultura faz surgir um caminho único, criador, de um marco intelectual coletivo. A importância deste debate é muito clara; na verdade, é através dele que se projetam toda a carga da sociedade periférica. Não é por acaso que a questão da identidade se relaciona ao problema da cultura popular e do Estado; em última instância, discutir e debater cultura brasileira é justamente tentar definir os destinos políticos de um país. (ORTIZ, 2016, p.13)

As raízes brasileiras resultaram de diversos grupos étnicos que participaram da formação da nossa população. Tal formação ocorreu com a participação de elementos culturais indígenas, portugueses, africanos, além de diversos outros deixados por imigrantes. Todas essas culturas trouxeram ao Brasil tanto bens materiais, quanto imateriais, temos como exemplo os hábitos, comportamentos e costumes de cada região.

Os costumes representam os elementos intangíveis de uma cultura, formados por elementos abstratos que estão intimamente relacionadas a tradições, práticas, comportamentos, técnicas e crenças de determinado grupo social. Temos como exemplos de manifestações culturais brasileira as feiras, músicas, danças, linguagem, culinária e o próprio artesanato, que foram trazidas de costumes antigos até a nossa atualidade.

2.1 SURGIMENTO DAS FEIRAS NAS CIDADES

Conforme o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (CUNHA, 1999), a expressão *feira* surge do latim *féria* remetendo a dia de festa, dia de repouso, dia de feriado. Esses episódios advinham na Idade Média como datas festivas, constituídas na maioria das vezes pelas instituições religiosas, por envolver maior quantidade de pessoas, tomando grande relevância comerciais naquele período.

Vinculada basicamente à necessidade de fornecer mercadorias a sociedade as feiras na Idade Média fornecia renda para diversas famílias e para todos os tipos de acertos sociais. Atualmente esse espaço é dividido com organizações de outros tipos, adaptando-se às modificações do cotidiano e das próprias cidades.

O surgimento da agricultura, no Período Neolítico, permitiu ao homem aprofundar conhecimentos e técnicas acerca do cultivo de plantas e criação de animais. No princípio, a produção era destinada apenas para subsistência. A partir da evolução de tecnologias, foi possível produzir com excedentes, que logo passaram a ser utilizados como moeda de troca para aquisição de diversos bens. Surgia, assim, o comércio em sua forma mais rudimentar” (OLIVEIRA; JUNIOR, 2006).

No império romano com a queda do feudalismo e a origem do novo método capitalista, o mercado que antes se sustentava mediante trocas, transforma-se em uma economia monetária, atuando como cúmplice na preservação do capitalismo e com a criação de novas cidades. O comércio nestes novos municípios eram efetuados no interior de Fóruns, edifícios monumentais, realizados pelos imperadores romanos que uniam atividades comerciais, religiosas e políticas (BARBOSA,2016, p.22).

Decorrente ao declínio do Império Romano do Ocidente ergueu-se outro período no qual foi conhecido como Idade Média, reconhecido por uma fraca vida comercial. Em meados deste tempo, de acordo com (Vargas 2001 apud BARBOSA,2016, p.23) “As grandes rotas marítimas interacionais do Mediterrâneo Europeu adquiriram características locais, os bens importados se tornaram cada vez mais raros e predominou o comércio de antigos comuns.” Mediante a esse movimento, o mercado na Idade Média acontecia na maior parte das vezes em vias importantes, próximo às muralhas das cidades. Logo após enraizar, foram se estabelecendo com vez mais nas áreas centrais, mais acessível à população, levantando assim a associação entre cidade e comércio na era medieval.

Segundo Vargas:

Esse mercado também ocorria nas praças e em alguns espaços livres cercados por ruas desordenado e uma vida caótica. A praça medieval (Fig. 01) além de abrigar o mercado, era o palco de espetáculos, festas e constante

circulação de ideias e notícias. Coexistiam as funções cívica, religiosa e comercial em um único lugar (BARBOSA,2016, p.23).

Observamos com as citações á cima que as feiras, desde o princípio, possuíam potencial sociocultural além de seus usos comuns do comércio.

Título: Comércio no interior do Fórum no Império Romano.



Figura 01 – Praça Medieval. Fonte: Vargas 2001 apud BARBOSA,2016, p.23. Acesso em: 24/09/2019 às 17:43.

Na baixa Idade Média, precisamente nos séculos XI a XIII, exorbitantes rotas marítimas surgiram com a abertura do Mar Mediterrâneo aos Europeus.

As feiras eram detalhadamente planejadas, organizadas e executadas. Embora nelas fossem transacionistas toda sorte de gêneros, havia dias específicos para o comércio de determinadas mercadorias: fazendas, couros, peles. Esses equipamentos comerciais experimentavam o seu apogeu na Europa medieval, entre os séculos XII a XIII. (JUNQUEIRA, 2015, p. 22)

Desta maneira, abundantes feiras surgiram como o intuito de vender mercadorias advindas de diversas partes do mundo, estereotipando assim o comércio do período Renascentista, já no séc. XIV. A retomada da ampliação da comercialização fez com a constituição das cidades e vilas, (conhecida também como

burgos) fossem evoluindo. Como já citado em outros períodos, os burgos também praticavam essa atividade em espaços não exatamente comerciais, no qual, se davam para outros usos sociais e urbanos, surgindo assim o espaço público de Mercado.

O agrupamento dos cidadãos nos burgos enrijece as modificações nas instalações e na produção de categorias, alterando o aspecto de comercialização. Esta nova fase estava unida de modo direto a construção de feiras e mercados ampliando a negociação direta com produtores locais e artesões. A cotação dos produtos podia ser negociada possibilitando aquisições.

No final do século XVIII, o contexto socioeconômico promoveu diversas mudanças no comércio. Nessa época, as feiras e praças de mercado começam a perder a função de encontro e de comprar na medida em que o mercado ao ar livre passa a concorrer com estabelecimentos privados, promovidos pela nova classe social emergente: a dos comerciantes (Vargas 2001 apud BARBOSA,2016, p.23).

Sendo assim, observa-se a queda do comércio diversificado, no qual, seu foco se modifica e transforma especialmente em produtos alimentícios. Passa a ter sua própria edificação coberta e torna-se próximo do que vemos nos dias atuais. Já no século XIX, o setor público passa a se preocupar com estes ambientes internos e o presente problema seria a falta de higiene, altamente envolvida com a alimentação e saúde da população, por tanto, ocorrendo a necessidade de supervisão rigorosa.

Título: Perspectiva do Mercado de Trajano, Roma.



Figura 02 – Mercado Trajano. Fonte: Cuaderno de imágenes, História de la Arquitectura I, 2013 apud BARBOSA,2016, p.23. Acesso em: 24/09/2019 às 17:43.

Título: Planta Baixa do Mercado de Trajano, Roma.

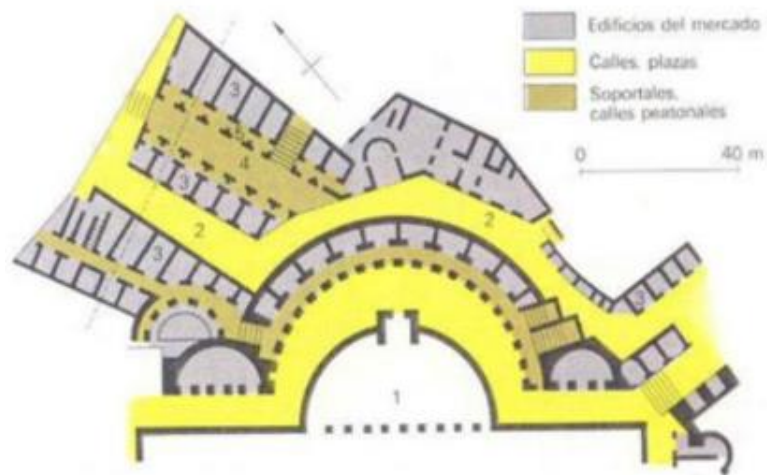


Figura 03 – Mercado Trajano. Fonte: Cuaderno de imágenes, História de la Arquitectura I, 2013 apud BARBOSA, 2016, p.23. Acesso em: 24/09/2019 às 17:57.

A feira obteve espaço reservado somente no século XIX, todavia, antes disso, a maneira de como este evento se originava no espaço urbano, expressando os costumes, a arquitetura e o estilo de vida das sociedades e períodos vividos.

As particularidades citadas à feira livre transformam este movimento em um evento temporário, que percorre as cidades há milênios, tornando-o cenário de identidade e importância na distribuição de alimentos para população de todo mundo.

2.1.1 No Brasil

No Brasil, as feiras resistem desde o período da colonização, episódio social que gerou o desenvolvimento da economia interna do país. Atualmente, é comum nas cidades brasileiras as feiras serem realizadas uma vez por semana em locais pré-determinados que abrange um exemplar de mercado varejista ao ar livre, constituída pelo ofício público municipal e volvida para repartição local de fornecimentos alimentícios e artigos básicos.

De conhecimento ibérico (ao mesmo tempo de ascendência mourisca), em seguida miscigenada com aprendizados africanos, esta herança à grosso modo, sê faz presente na maior parte das cidades brasileiras. Cumprindo até a contemporaneidade uma função admirável nos viveres urbano. Na envergadura do processo de modernização do varejo, foi criada a feira livre no final de 1904. Inicialmente, por sua expressão reduzida, as feiras livres apresentaram-se mais como efeito decorativo, um 'ornamento da modernidade' (MASCARENHAS, 1997).

Aproximadamente, entre as décadas de 1920 e 1960, as feiras livres dormiram o varejo da cidade, provocando o fechamento de inúmeros pequenos estabelecimentos comerciais. Transformados em centros periódicos de grande volume de negócios varejistas (algumas feiras chegavam a reunir regularmente mais de quinhentos feirantes num único dia), os feirantes passavam a pagar elevados impostos a administração municipal, em valores que podiam, frequentemente, ultrapassar os estabelecimentos fixos (SILVA, 1936).

O foco da atenção está ligado na peculiaridade da natureza das formas da civilização que evoluem no interior deste território transfigurado, que é a feira livre.

Deparou-se outra vez com relatos essenciais, preocupado em reter curiosas usanças e aloções populares, entendendo ser a feira livre um local privilegiado para tais manifestações que considera folclóricas: '*agrupamentos curiosos... núcleos que, semanalmente, imprimem uma nota pitoresca em vários cantos de nossa terra*' (SILVA, 1936, p.7).

O autor como diletante da cultura e dos comportamentos populares, relembra um período histórico de grande importância em nosso país. Prática que molda a sociedade Carioca até os dias atuais: a reforma urbana civilizadora e excludente de Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1903 e 1906. O estudioso expõe ainda passagens colhidas em suas visitas periódicas às feiras-livres cariocas, entre 1921 e 1934. Expondo os tipos sociais humildes e os diálogos entre eles, diversas piadas que considerava obscenas (enunciadas especialmente por portugueses, "*que adoraram as filhas coloridas do País*") dirigidas às moças *negras*, *criadas* (empregadas doméstica) que circundavam em ofício pela feira (SILVA, 1936, p.8).

Atribui-se tais períodos como transgressões, propondo a comparação com um ambiente decorrido predominantemente ríspido, no tempo de Pereira Passos.

Alega ainda a apresentação de um violeiro nordestino, sentado sobre um caixote madeira, a cantar: “*trovas brejeiras, aglomerando pessoas de mesma categoria, rindo e emitindo opiniões maliciosas*”. Neste momento, passa um bonde (estávamos de praça Sezerdello Correa, em Copacabana) e um ‘moreno’ suspenso no estribo grita para turma: ‘*Vamos ver, negrada!*’ (op.cit.p.36 apud MASCARENHAS; “DOLZANI, 2008, p. 77).

O episódio demonstra não exclusivamente a aparência de elementos populares no cotidiano de uma feira-livre no bairro mais sofisticado da cidade até então. Apresenta além disso, a probabilidade destes eventos terem concretizado encontros festivos no interior da feira, cumprindo abertamente formatos de sociabilidade que possivelmente não seriam aceitas no período de Pereira Passos, caracterizado pelo elitismo segregador.

Com início dos anos sessenta, nasceram e alastraram ligeiramente nas cidades os supermercados, amplos estabelecimentos regularizados no autosserviço e que depressa foram se promovendo em influentes redes empresariais. Calhados ao atual sistema urbano (catalogado ao automóvel), e com o apoio oficial do governo, os supermercados expandiram em compasso veloz, cultivo em uma década, grandes cadeias de lojas, com desempenho até no exterior.

Formidável indicar que a subversão entre feirantes e supermercados não se limitou às esferas econômicas e jurídico-política. No plano fantasioso (I Plano Nacional de Desenvolvimento em 1970 pelo governo federal do Rio de Janeiro), recriam-se as feiras como regiões do molesto, do descerimonioso, do contratempo, do retrocesso e da sujeira das ruas. Em oposição os supermercados são absolutamente exibidos como portadores do novo, do luxuoso, do aconchego, do ‘american way of life’ (MASCARENHAS; “DOLZANI, 2008, p. 79). Neste momento todas as feiras livres do Brasil tiveram suspensão definitiva, no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e várias outras cidades brasileiras.

Título: Antiga Feira Livre de Feira de Santana na Bahia



Figura 04: Feira Livre de Feira de Santana na Bahia, s/ data - Imagem do site Feirenses, Acesso em: <https://feirenses.com/feiras-feira-de-santana/>. Acesso em: 26/09/2019 às 8:48.

Para grande parte da população feirense, baiana e nordestina, a feira livre de Feira de Santana era o grande evento social da semana. Todavia, esse sentimento de fascínio com a feira não era unânime. Setores da elite econômica do município queixavam-se e acusavam a feira livre de medieval, anti-higiênica, poluidora e responsável pelo engarrafamento no centro da cidade. As barracas tinham “péssimo aspecto” e eram concorrência “desleal” com o comércio ordinário. Acusavam as feiras de ser um “péssimo” cartão de visita para o turismo. Tornava “feira” a vida urbana de Feira de Santana. (FERREIRA; RIOS; OLIVERIA, 2018)

Contudo, as feiras livres que era a sobrevivência para milhares de famílias de baixa renda, mesmo se tornando a negação das ruas, do espaço público vem persistindo e marcando a urbanização das cidades brasileiras nas últimas décadas. Sustentar esta sobrevivência vai além de garantir aos necessitados um feitiço de origem de renda, ou proporcionar ao consumista urbano uma opção a mais para alcance de uma maior escala de produtos. Significa conservar a rua como local de encontro, preservar a tradição popular. Uma questão de cidadania.

2.1.1.2 O Artesanato

Artesanato: Produtos artesanais são aqueles produzidos por artesãos, sendo completamente a mão ou com uso de ferramenta, desde que a prestação direta manual do artesão ou artesã exista como predominância no resultado final do produto. Peças produzidas sem selos de qualidade e com uso de matérias-primas de meios sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais deriva de suas características distintas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, de caráter cultural e simbólicas e significativas de ponto social (UNESCO 1997).

Embora o dicionário diz que *artesanato* significa: “arte e técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão ou artesã e tem finalidade a um tempo utilitária e artística”, a Unesco em 1997 conceitua e atribui o artesanato a âmbito cultural e social, transferindo a importância da arte como simbologia cultural.

O artesanato tem sua história instituída juntamente a história do homem, a necessidade de utensílios de uso do dia a dia, e até mesmo adereços, considerando assim aptidão de criação e produtividade como forma de trabalho. Os primeiros artesãos surgiram no período neolítico (6.000 a.C), no momento em que o homem desenvolveu a habilidade de polimento das pedras, na produção de cerâmicas e ao tecer fibras animais e vegetais. No Brasil, a tarefa manual passar a existir também nessa época em responsabilidade os Índios, os mais antigos artesãos brasileiros. Com os pigmentos naturais advindos da terra com a elaboração de obras de arte, além das fibras para cestarias e a cerâmica provenientes da argila (KOHLENER, 1993, p.59 apud ANTUNES, s/ data, p.2).

Pode ser considerado clássico, popular e folclórico, dando-se como exposição de diversas formas como: cerâmicas práticas, funilaria popular, trabalhos em couro e chifre, trançados e tecidos de fibras vegetais e animais, fabrico de farinha de mandioca, monjolo de pé de água, engenhocas, instrumentos de música, tintura popular. E também encontram-se nas pinturas e desenhos (primitivos), esculturas, trabalhos em madeiras, pedra guaraná, cera, miolo de pão, massa de açúcar, bijuteria, renda, filé, crochê, papel recortado para enfeite, etc.

O artesanato brasileiro é um dos mais ricos do mundo e garante o sustento de muitas famílias e comunidades. O artesanato é parte do folclore e revela usos costumes, tradições e características de cada região (ANTUNES, s/ data, p.2).

Para confirmar tal dado podemos considerar falas de artesãos do documentário de Zizi Carderari¹, Projeto Sertões, elaborado em uma viagem pelo estado de Pernambuco, com objetivo desenvolver peças de design junto aos principais artistas do estado. Por meio deste documentário conseguimos entender que esta tradição brasileira é transformada pelas expressões dos nordestinos no decorrer do episódio referente ao documentário, temos:

“O artesanato é umas das coisas mais dignas, porque ele absorve todas as outras formar de manifestação cultural, fazer uma peça tem que ter ritmo, compasso, música [...] expressão é um caminho da arte”.

“Nordestino, tem uma paixão pela arte popular, independente da classe há a valorização da cultura local. Já no sudeste há um esnobismo em cima da arte popular, como se fosse uma arte de segunda linha, porém a qualidade da arte popular brasileira é gigantesca”.

“A arte é uma transformação de vida [...] arte é uma filosofia, uma expressão de vida” (Condaró, 2019).

O preconceito mediante ao artesanato é caracterizado por material sem valor, perante aos apegos condicionais da “Arte com A maiúsculo – certamente reflete uma visão da sociedade que desvaloriza o que vem das camadas subalternas e reconhece previamente a produção da elite” (BORGES, 2019, p.25).

Devemos considerar que quando falamos sobre artesanato é referir-se a uma atividade enraizada por todo Brasil que normalmente são produzidos em conjunto. Com as falas citadas á cima trazemos à tona toda riqueza do brasileiro, a autenticidade do Brasil. A arte primitiva brasileira, pouco valorizada. O tempo doado por nosso povo que tornam nossos materiais locais em ARTE. Artesanato é comida, cheiros. Riqueza da região. Costumes do nosso povo.

“[...] Então nasce os objetos carregados de símbolos, memórias, intensões. Ele pode ser uma peça de artesanato, uma casa, um poema, uma comida. Mas ele transcende a si mesmo” (ROSENBAUM, Manifesto a gente transforma, 2016)

¹ Jornalista e Designer

2.2 A AGRICULTURA COMO ECONOMIA URBANA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O desenvolvimento das populações urbanas nas últimas décadas extrapolou vastamente o das populações rurais. Com esta transformação, nascem nas cidades novas demandas e necessidades, que antes não eram consideradas como relevantes. Com este novo ambiente, a população se vê tentada à buscar novas formas de lazer e até mesmo formas de produtividade como: produção agrícola de subsistência. Assim sendo, a agricultura, que anteriormente era analisada como atividade característica da zona rural, passa a ser admirável no meio urbano sendo ressaltada em seu caráter multifuncional.

Proveniente desde contexto, a agricultura urbana, passa a existir não apenas com a necessidade de alimentos frescos, mas também como renda e fonte de emprego, espaço cultural e outros. Constantemente as feiras se enquadram no faturamento para sobrevivência de distintas famílias em regiões menos desenvolvidas do mundo.

A evolução do termo agricultura urbana busca analisar a relação do conceito com a sua prática, com a desígnio de evidenciar o potencial da agricultura rural como desenvolvimento urbano sustentável e sistemas urbanos de abastecimento de alimentos, entre outros. (PIRES, 2016, p.73).

O principal atributo da agricultura urbana que se aponta é a integração no sistema econômico e ecológico urbano, ou seja, o “ecossistema” urbano, que diz respeito ao apuro da agricultura urbana de interagir adequadamente com o resto da cidade.

Mougeot (2000 apud PIRES, 2016, p.73) propõe a revisão do conceito de agricultura urbana como sendo a praticada dentro (intra-urbana) ou na periferia (periurbana) dos centros urbanos (sejam eles pequenas localidades, cidades ou até megalópoles), onde cultiva, produz, cria, processa e distribui uma variedade de produtos alimentícios e não alimentícios, reutiliza largamente os recursos humanos e

materiais e os produtos e serviços encontrados dentro e em torno da área urbana, e, por sua vez, oferece recursos humanos e materiais, produtos e serviços para essa mesma área urbana.

A agricultura urbana e periurbana acontece porque a produção de alimentos na cidade se dá, em muitos casos, como uma resposta dos pobres urbanos ao acesso inadequado, pouco confiável e irregular às provisões de alimentos, em parte devido à falta de disponibilidade, em parte à falta de poder aquisitivo e, também, devido ao acesso inadequado às oportunidades formais de emprego, devido à deterioração das economias nacionais nos países em desenvolvimento. (PIRES, 2016, p.73)

A agricultura urbana pode fornecer diversos benefícios, porém ao mesmo tempo pode oferecer riscos para a população, semelhantes a decorrências da poluição industrial, como a contaminação do solo, a água, o ar. Desta forma, há riscos para os trabalhadores e demais participantes do processo de produção até a disponibilização dos produtos aos consumidores.

A evolução das tecnologias agroindustriais caminham na contramão desta transformação, mediante muitos fatores dentre eles sobretudo o uso exacerbado e incontrolado de agrotóxicos. Essa realidade do mundo agroindustrial traz a verdadeira importância da valorização dos pequenos produtores, que buscam o respeito a saúde do consumidor e a natureza, agregando a identidade orgânica.

No México a economia do agrossistema periurbano é conhecido como “chinampa”.

Título: Chinampa



Figura 05: Chinampa 'Jardim Flutuante', Vale do México, México, s/ data disponível em: <https://mexicanroutes.com/chinampas/>. Acesso em: 1/10/2019 às 15:35.

Segundo Soriano (et al 2011 apud PIREs, 2016, p.74), nas redondezas de lagos e em áreas inundáveis os cultivos são feitos utilizando-se barreiras de terra e canais de forma que a área agricultável seja maior. É perceptível que os agricultores que utilizaram menos produtos industriais, tais como sementes transgênicas, conseguiram retornos melhores e maiores sobre aqueles que optaram por utilizar mais deste ramo. Temos também que os resultados sofreram boas alterações devido ao uso das práticas tradicionais, que revelaram que a sustentabilidade está intimamente ligada a estabilidade. Além de tudo isso, a necessidade de políticas públicas apropriadas aos agricultores periurbanos se mostrou extremamente necessária, com intuito de oferecer condições competitivas semelhantes aos grandes produtores.

Outro ponto muito importante deste estudo está relacionado aos trabalhadores que exercem a agricultura urbana como complemento de renda. Com foco na sustentabilidade socioeconômica, a troca de insumos entre os agricultores afeta os gastos de produção provocando uma queda, que mantém ativos os mecanismos de coesão social. Com tudo isso, embora com baixa produtividade, os benefícios ambientais e sociais se mostram importantes, ao passo que permitem a reprodução social dos grupos a partir do cultivo semitradicional. (Soriano et al 2011 apud PIREs, 2016, p.74).

3 ESPAÇOS PÚBLICOS E REQUALIFICAÇÃO

Durante o curso de Arquitetura e Urbanismo houve-se falar constantemente sobre os marcos da Revolução Industrial e como isso trouxe consequência ao meio urbano. Este artifício acarretou em grandes cidades que surgiram para abraçar as atividades industriais e conseqüentemente atingiram no formato de morar, ocupar e deslocar-se no meio urbano no século XVIII.

Em seu pensamento, Park enxerga o sentido figurado da cidade:

A cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por esta tradição [...] é um produto da natureza humana [...] a cidade é um habitat natural do homem civilizado” (PARK, 1973, p. 26,7).

Já Meyer (2000), afirma que a formação da cidade contemporânea sujeita-se a grandes projetos urbanos estratégicos. Mas contesta que avanços urbanos precisos em um ponto de vista micro pode promover a agregação do território e estabelecer fluxos mais compactos no meio espacial.

As referências de Park e Meyer remetem a dois entendimentos caracterizados por cidade. O primeiro autor, Robert Ezra Park-sociólogo que contribuiu imensamente para o entendimento da sociologia urbana, diz que a cidade vai além de seu planejamento, o que é mencionado como pensamento contemporâneo por Meyer. Park resignifica o espaço social como troca de costumes, tradições, sentimentos, práticas sociais, decorrentes no meio urbano. Compactuando a cidade e suas modificações eventuais com possíveis limites, visando um olhar mais sensível e criticando a estrutura da idealização traçada estrategicamente.

A influência das cidades sobre a vida social do homem para Louis Wirth², é totalmente exercida pela morada e local de trabalho do homem moderno. Mencionando o centro urbano pioneiro e influenciador da vida econômica, política e cultural, que atinge diversificados povos e diversas atividades num único universo (WIRTH, 1973, p. 96). O que já falamos diversas vezes durante esta monografia e vem defendendo ao longo dela, que a cidade é movida por diversas culturas e

² Sociólogo do modo de vida urbano.

economias, como devemos valoriza-las e escuta-las, para esse tal planejamento estratégico que Meyer cita seja praticável, funcional e acessível.

É necessário a cidade ser partilhada de espaços públicos, para que haja a apropriação espacial e convívio entre os cidadãos, com suas particularidades distintas, onde o respeito à diversidade age, na coexistência neste meio. E podendo dizer que esse direito à cidade traz a emoção de pertencimento, acolhimento e pela convivência entre a diversidade, onde há a percepção de que a sociedade serve a todos os cidadãos, sem distinção, sendo acessível a qualquer tipo de classe social (VAZ XAVIER, 2016, p.10).

Em suma, a cidade mostra excessivamente o bem e o mal na natureza humana. Talvez esse fato seja, mais do que qualquer outro, o que justifica a visão que tornaria a cidade um laboratório, ou uma clínica, em que a natureza humana e os processos sociais podem ser estudados de maneira mais conveniente e proveitosa (PARK, 2018, p. 80).

Cabe a nós então analisarmos o que tem sido considerado nos espaços públicos na atualidade. O que encaixa a esta pesquisa compreender essa formação de interação social que citamos tanto ao longo deste aprofundamento, como esses modos de consumo, capital social e cultura, vem sendo explorados.

A requalificação urbana abrange características do entorno ao espaço público, ou, mas intervenções urbanas de larga escala, à readaptação funcional de um dado recinto. A finalidade da requalificação é (re) introduzir “qualidades urbanas de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área”.

De acordo com Vargas e Castilho (2006), quando se fala de requalificação urbana, as práticas urbanísticas compreendem o valor da história na cidade e do homem enquanto ser cultural. Ao evidenciar a base dos projetos de requalificação, suas motivações e necessidades e suas consequências a comunidade, seja positiva ou negativa, desfruta-se de diversos argumentos de interesses público e privado.

Após analisarmos múltiplos pensamentos de teóricos com perspectivas distintas podemos considerar então que a requalificação de um espaço público especialmente em áreas centrais, sendo um modo de atrair capital e pessoas, ressinificando os espaços urbanos, tornando-os mais convidativos do ponto de vista comercial e turístico.

A Requalificação é incentivar a atribuição de novos usos e funções, tornando as edificações compatíveis com as necessidades de uma sociedade contemporânea e apresentando-as como alternativa para a crescente demanda de novas construções e equipamentos urbanos (VILLELA, 1995, p. 8).

A importância de conceituar o ambiente urbano está totalmente ligada ao presente estudo: Requalificação do Mercado Municipal da cidade de Ubá-MG. Inserido no meio urbano e protagonista de conflitos, o mercado é responsável por propiciar em seu pequeno espaço uma intensa interação social. Desde 1999, se encontra em um terreno subutilizado, na principal avenida e centro da cidade. O espaço se dá em um galpão com grande potencial de uso, porém, se encontra em superlotação causando, desde conflitos internos á congestionamentos em via pública. Justificando assim, estudar o tema abordado e desenvolver uma proposta para adequação deste espaço.

Sendo assim entende-se que a requalificação é de extrema importância para a ressignificação deste espaço social, monopolizando além da economia urbana, as atividades culturais, entretenimento e o empoderamento dos agricultores e artesãos locais.

2.1 PERMANECER E UTILIZAR

A conexão e a evolução da tecnologia vem nos distanciando de muitas coisas em nossa rotina, principalmente nas vivências urbanas e a relação com as paisagens que nos rodeia. Essa hábito gerado pela automatização, pela tela dos celulares, dos computadores e do querer sempre mais, induzem a insegurança pelos lugares desconhecidos pelo olhar, ligados sobretudo a apropriação da rua. Com o cotidiano conexo a trabalho e as atividades rotineiras nos automatizando nos levando para o mesmo lugares pelos mesmos trajetos. Os caminhos conhecidos fazem nossa insegurança se distanciar e acostumam nossos olhares. Esse distanciamento acarreta uma sequência de transformações na cidade, levando à falta de utilidade das ruas e dos espaços públicos (OLIVERIA, 2016, p.26,27).

Segundo Vinícius de Moraes, a vida é arte de encontro. Podendo dizer que a cidade é a paisagem desse encontro – encontro de pessoas e troca, traduzindo qualquer momento de convivência.

Para que essa prática urbana flua Jaime Lerner esclarece melhor esse assunto indicando à teorias de Jan Gehl e diz:

Os serviços precisam e devem ser amparados pela quantidade e pelo amplo conjunto de serviços – Cultura, arte, lazer, entretenimento e gastronomia – tornando a alma da cidade encantadora e assegurando a economia local. Desta forma, impulsionando o uso dos espaços públicos, em consequência do aumento de pessoas circundando e convivendo nesses lugares. Acarretando na sensação de proximidade, companhia, compartilhamento e inclusão. A diversidade é o que acarreta a riqueza da mistura, do complementar, do diverso. (GEHL, Cidade Para Pessoas, p.20)

Com o início da era modernista o conflito entre escala humana e os automóveis se consolidou. Enquanto várias questões relacionadas ao tráfego do automotor vinham sendo discutidas em tópicos de planejamento urbano, os pedestres entravam no caminho do esquecimento. O mercado e as tendências arquitetônicas vem se modificando ao logo deste tempo, de forma que cada vez mais os edifícios foram perdendo a comunicação com os espaços comuns, se tornando frios e isolados.

Aqueles que ainda optam por tentar utilizar das áreas comuns de suas cidades, muitas das vezes se deparam com características deploráveis, que surgiram devido a esta mudança em questão. A grande quantidade de automóveis existentes cria uma atmosfera de gases tóxicos, ruídos extremos, além de possibilidades de acidentes.

As formas de locomoção dos pedestres também foram altamente impactadas, o espaço comum da cidade que era destinado a eles foi tomado por construções e avenidas de alta velocidade, forçando aos cidadãos a abdicarem de seu espaço.

Jan Gehl em seu livro *Cidade para pessoas*, remeteu-se à *Morte e Vida das Grandes Cidades* de Jane Jacobs:

Ela assinalava como o dramático aumento de tráfego de automóveis e a ideologia urbanística do modernismo, que separa os usos da cidade e

destaca edifícios individuais autônomos, poriam um fim ao espaço urbano e à vida da cidade, resultando em cidades sem vida, esvaziadas de pessoas (GEHL, 2015 p.3)

Desta forma podemos perceber que essas novas perspectivas urbanísticas acarretam inúmeros problemas para a população como um todo, o que nos demonstra a importância dos espaços públicos. Estes inconvenientes poderiam ser minimizados caso essas diretrizes fossem implantadas diretamente no plano diretor municipal. Devemos ressaltar que na última década o progresso no plano urbano prático é notável. Inúmeras cidades tiveram que se dedicar para valorizar as condições para os pedestres e vida urbana, desviando o foco dos automóveis.

Essa nova visão surge juntamente a conceitos denominados como: cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis, aspirando desejo mundial. O escopo desse mecanismo é a ligação dos pedestres e ciclistas com a vida cotidiana da cidade. Sendo como objetivo garantir com que os habitantes sintam-se convidados à caminhar, pedalar, permanecer e utilizar as conexões citadinas, voltando as próprias com vida.

Uma cidade com potencialidade de atmosfera viva, sempre prioriza o sentir do indivíduo, convidando-o à caminhar, pedalar e permanecer nos espaços da cidade, tudo isso, traz o valor da vida presente nos espaços públicos, manifestando as oportunidades culturais e sociais advinda dessa conexão. Desenvolvendo assim uma cidade segura, uma vez que, quanto mais pessoas se movimentam pela cidade e permanecem nos vãos urbanos, possuindo mais olhares nas ruas.

Inicialmente nós moldamos as cidades – depois elas nos moldam. Assim, quando mais humano for o espaço urbano que produzirmos, mais valorizada nossa dimensão humana estará. Uma cidade de pessoas para pessoas (GEHL, 2015, p. 9).

3.2 O MERCADO PÚBLICO COMO ESTRUTURADOR URBANO

Incluir o Mercado Público como um espaço público, integrante do meio urbano, é afirmar a relação de troca econômica sustentando o processo de integração social. Diante de tudo isso, compreenderemos que além de potencializador da economia no meio urbano, este vem como fornecedor de arte, encontros, cultura, troca de energias e experiências (VAZ XAVIER, 2016, p.4). Santos (apud BALSAN; UEDA, 1998, pag. 78-79) diz: “é, de fato, o mercado que autoriza a presença

Simultânea na cidade (...) de tantas formas de realização econômica diferentes e até contrastantes”.

O que necessitamos ressaltar é que essas atividades que acontecem entre “a vida entre os edifícios” que movimentam e envolvem as pessoas. Caminhando e observando que se cria a perspectiva mais ampla, sensível e valiosa proporcionando atmosferas recreativas ao experimentar a vida a pé. “Mas nas cidades, há muito mais em caminhar do que simplesmente andar!” Há uma relação retilínea entre as pessoas e a comunidade do entorno, ar fresco, o estar ao ar livre, os prazeres gratuitos da vida, experiências e informações (GEHL, 2015, p.19).

Jan Gehl(2015) diz ainda que as características comuns na vida dos espaços citadinos é a multifuncionalidade e a complexidade das atividades, com mais sobreposições de usos e mudanças frequentes entre caminhada, paradas, descansos e permanências. Enquanto caminhamos no meio urbano, notamos pessoas e acontecimentos, somos inspirados a parar e olhar mais delicadamente ou mesmo a parar e participar.

Título: Representação gráfica qualidade de ambientes externos x aumento das atividades sociais.

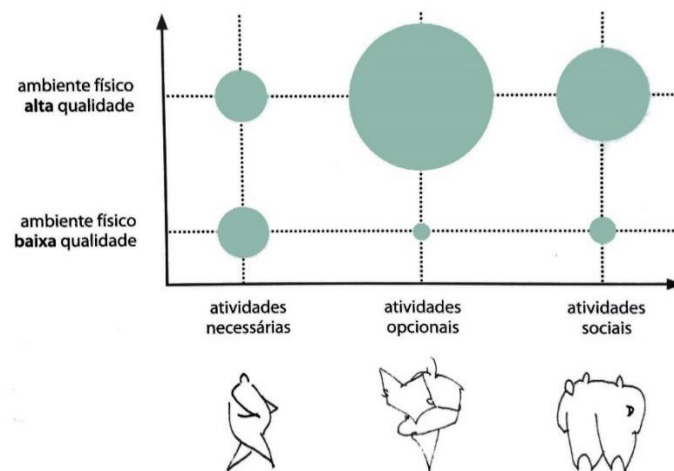


Figura 06: Representação gráfica qualidade de ambientes externos x aumento das atividades sociais - Imagem do livro Cidade Para Pessoas, Jan Gehl, 2015, p.21. Acesso em: 28/09/2019 às 13:45.

Os espaços citadinos como elenca Jan Gehl se relacionam com conceito de lugar do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1983), “Lugar pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas está: lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção [...] Cada parada é tempo suficiente para criar uma imagem de lugar. Objetos que são admirados por uma pessoa, podem não ser notados por outra. A cultura afeta a percepção”. No entanto, certos objetos, sejam eles naturais ou feitos pelo homem, persistem como lugares através da eternidade do tempo, sobrevivendo ao apoio determinadas culturas. Talvez qualquer grande aspecto na paisagem crie seu próprio mundo, o qual pode aumentar ou diminuir segundo o interesse momentâneo das pessoas, sem perder inteiramente a sua identidade.

Uma vida cidadina versátil depende essencialmente de convites. Como exposto anteriormente obtivemos conceitos e visões de profissionais e áreas distintas sobre espaço e lugar. Então se as cidades e os edifícios pretendem atrair as pessoas para virem e permanecerem em seus espaços, é a escala humana que devemos observar e analisar como referência.

Atualmente quando refletimos sobre planejamento urbano sucessivamente analisamos do alto e de fora. Necessita-se considerar outros artifícios de idealização:

de dentro e de baixo, adotando o princípio de primeiro a vida, depois o espaço público e só então os edifícios. Com isso se determina o caráter e o alcance da vida prevista no empreendimento, então, prepara-se programas voltados primeiramente para estes.

No momento do planejamento é muito importante que os edifícios sejam tidos como secundários em relação aos espaços de vida. Os projetos devem estar voltados primeiramente para as áreas humanas para só então somente se virarem para as grandes edificações. O único modelo possível de surgimento de grandes cidades para pessoas é coloca-las em um patamar superior aos demais, forçando o projeto a garantir as funções essenciais humanas.

É claro que as outras áreas não podem ser completamente deixadas de lado ao longo do projeto. Para que se obtenham resultados excelentes, é importante que cada diretriz do projeto siga a sequência vida-espaço-edificações, ou seja, o planejamento deve caminhar por essas três áreas em todas suas fases, começando pela parte mais humana e terminando com foco nas construções.

Muitas cidades históricas tiveram a origem de sua expansão a partir dos mercados, pode-se perceber que seguiam o modelo vida-espaço-edificações. Para que o crescimento das cidades se desse de forma orgânica, o ponto de partida eram os mercados, locais que propiciavam interação e trocas de experiências entre os moradores. O crescimento a partir deles possibilitava que as cidades fossem mais humanas e com isso focadas nas reais necessidades dos cidadãos. Nesse sentido elenca Jan Gehl:

Por exemplo, o planejamento seguia o princípio vida-espaço-edificações em áreas que precisavam de novas cidades, como Monpazier, no sul da França, fundada em 1283. Em anos posteriores, o planejamento urbano também foi influenciado por esses princípios. Na época da Renascença e do Barroco, o espaço da cidade era basicamente o ponto de partida para o planejamento; os mesmos princípios podem ser encontrados em muitas cidades coloniais planejadas da América do Sul e do Norte, como em Filadélfia na Pensilvânia (1681) e Savana na Geórgia (1733), ambas nos Estados Unidos. Adelaide, no sul da Austrália, é outra cidade colonial planejada que usa o espaço público como ponto de partida para o desenvolvimento urbano (GEHL, Cidades Para Pessoas, p. 199 a 200).

Dessa forma, podemos concluir que durante toda a história, até o período modernista, foi-se utilizado a sequência vida-espaço-edificações. Após este marco as construções tomaram a frente desta sequência dando origem a cidades mais tóxicas.

Muitas das vezes quando vemos cidades de cima, ou através de helicópteros, temos a ligeira impressão de que grandes edificações tornam os locais incríveis, cidades excelentes e uma ótima vida para os cidadãos. Contudo não é o que muitos estudos comprovam, na verdade ruas com habitações em escalas menores promovem uma melhoria na qualidade de vida e, além disso, possuem os espaços para que cidadão utilize muito bem demarcados. Vejamos Jan Gehl:

O fato de a qualidade da escala menor ser determinante para a vida e atratividade de uma área pe reforçada pelo cuidado com a paisagem humana em parques de diversão, locais de exposições, mercados e resorts recreativos. Como dado comum, estes espaços oferecem boas condições ao visitante – ao nível dos olhos. A visão de cima e a perspectiva de helicóptero não funcionam muito aqui, por uma boa razão (GEHL, Cidades Para Pessoas, p. 207).

Após este esclarecimento, Jan Gehl deixa claro que as escalas menores criam uma cidade mais orgânica, dão visibilidade ao cotidiano dos cidadãos e promovem uma vida melhor.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Nos próximos tópicos serão expostos três temas de suma importância para começarmos a dialogar com o propósito do estudo. Iniciaremos abordando historicamente a cidade de Ubá, Minas Gerais, sobretudo sua carga cultural e econômica. Posteriormente, passamos a análise do surgimento da feira livre, que, devido a poucas informações captadas, será de forma breve.

4.1.2 ANÁLISE CULTURAL E SÓCIO ECONÔMICA DA CIDADE DE UBÁ - MG.

A cidade de Ubá-MG teve seu começo com o processo de colonização que ocorria no século XVIII. Puris, Coroados e Coropós foram inicialmente os primeiros a ocupar a região, toda essa situação levou à cidade a se expandir em conjunto com a Zona da Mata Mineira, principalmente no que tange a área agrícola.

Em matéria de contribuição, a cidade durante todo o processo de desenvolvimento e crescimento da Zona da Mata exerceu seu papel de abastecedora de gêneros de subsistência das áreas mineradoras, dentre os aspectos que levaram Ubá a se tornar polo agrícola da região.

O fato de que na Zona da Mata conviveram diversos grupos culturais e étnicos torna possível compreender a grandeza cultural da região, em cada uma de suas cidades podem ser encontrados costumes, tradições, dialetos e símbolos diferentes advindos das famílias que ali moraram no passado. Conclui-se com isso a importância deste século passado, de colonização e ocupação, que foi totalmente responsável pela criação de toda a carga cultural desta Zona. Além de toda riqueza cultural vinda destes povos, a ascensão econômica da região também deve uma parcela de seus lucros a essa diversificação de povos da época, fica claramente perceptível que toda a estrutura social e cultural deste momento proporcionou o crescimento da região.

Na atualidade a cidade de Ubá é destaque no campo moveleiro, isso devido especificamente ao sua ascensão econômica, como foi citado anteriormente. Por possuir mais de 400 fábricas de móveis a cidade fica entre as sete mais importantes do país, desse total de fábricas 250 delas ficam dentro do próprio território do município, e ainda evidencia-se que 14 delas possuem a área de 402,454km². Os

acontecimentos do passado da cidade foram de suma importância para que hoje a mesma pode-se ter sua economia em crescimento e voltada para o setor de indústria e serviços.

Em termos de crescimento temos que carga cultural da cidade poderia ter sido usada de forma virtuosa no momento de sua expansão urbana, contudo o que se ocorreu foi o a criação de um parque industrial do decorrente do polo moveleiro local, tal acontecimento que em nada beneficiou os habitantes locais.

Em 1970 as industriais começaram a entrar no território da cidade promovendo a inserção da população rural no meio urbano, este acontecimento somado a um planejamento de crescimento urbano ruim feito anteriormente dando origem a uma malha urbana desordenada que prejudica de certa forma o cotidiano da cidade. Contudo ainda existem locais de interação que possibilitam a troca de experiência, dentre eles podemos citar a Praça São Januário e o Fórum cultural, locais que ainda conseguem promover atividades de cunho cultural.

Conclui-se que o espaço urbano da cidade de Ubá, surge sem planejamento de forma empírica numa região de Minas Gerais onde existe uma grande influência industrial. Mas não se organiza somente pela tradicional combinação de áreas edificadas e áreas livres, estreitamente relacionadas entre si ou desagregadas.

4.2 HISTÓRIA DA FEIRA LIVRE EM UBÁ-MG

O Mercado Municipal do Produtor Rural José Antônio Mendes, teve seu início no dia 17 de novembro de 1999, possui 3 mil metros quadrados e um total de 145 boxes para feirantes, recebendo cerca de 4 mil pessoas durante seus dias de funcionamento.

Anteriormente a feira livre acontecia na Av. Beira Rio, que tinha seu funcionamento paralisado para que ocorrência do evento. Posteriormente a prefeitura recebeu por meio de um decreto o empréstimo do terreno em 1994 onde atualmente ocorre a feira, apenas 1999 este local veio acolher a feira livre. Esta transição do local foi feita pelo prefeito Narciso Paulo Michelli e está prevista no art.1º do decreto nº3845:

A Feira Livre de Ubá que funcionou do trecho da Avenida Comendador Jacintho Soares de Souza Lima, entre as ruas Coronel Bernardino Carneiro e Capitão Ananias Teixeira de Abreu, fica transferida, a partir de 10 de fevereiro de 1994, para a área coberta construída pela Prefeitura Municipal de Ubá, na Avenida Comendador Jacintho Soares de Souza Lima, número 405, área central desta cidade. (Art.1º do decreto nº3845)

Hoje em dia na Feira Livre Municipal temos por base de cerca de 131 produtores rurais ubaenses e mais 36 de outros municípios segundo o gerente da divisão de Agricultura e Meio Ambiente da Prefeitura de Ubá. A feira é responsável pela comercialização de diversos produtos dentre eles ervas, café, derivados de laticínio de todos os tipos, carnes, além de artesanatos provenientes de micro produtores e de comercializastes que revendem produtores do CEASA³.

Entretanto, hoje em dia há um projeto acadêmico acompanhado por Sarah Lacerda Barbosa, estudante de Biologia da Universidade Estadual de Minas Gerais, sendo executando no mercado tendo o objetivo: estimular o aumento de produtos hortifrutigranjeiros, exclusivamente de produção própria, agroecológicos. A Transição Agroecológica da Agricultura Familiar de Ubá destina-se à venda exclusivamente a varejo, de produtos hortifrutigranjeiros sem agrotóxicos, agroecológicos, produtos da agroindústria artesanal de alimentos, e artesanatos confeccionados pelas famílias de agricultores familiares e presentemente sendo implementada por 14 produtores.

Título: Barraca do projeto de Transição Agroecológica da Agricultura Familiar.



Figura 07: Barraca do projeto de Transição Agroecológica da Agricultura Familiar - Imagem autoral, Ubá, 30/10/2019 às 11:30.

³ Centrais Estaduais de Abastecimento

Título: Barraca do projeto de Transição Agroecológica da Agricultura Familiar.



Figura 08: Barraca do projeto de Transição Agroecológica da Agricultura Familiar - Imagem autoral, Ubá, 30/10/2019 às 11:33.

Durante a feira os habitantes ganham muito mais do que o simples comércio de produtos, interagem entre si, trocam energias e informações e convivem com os mais variados tipos de culturas do local que cada indivíduo carrega.

Há em mente a ideia de um projeto que irá melhorar o ambiente da feira, promovendo mudanças na rede física e também na parte cultural do evento, com intuito que este sirva não apenas para comércio, mas sim como grande evento cultural da região.

Título: Box interno do mercado.



Figura 09: Box interno do mercado - Imagem autoral, Ubá, 30/10/2019 às 9:44.

4 DIAGNÓSTICOS

Este diagnóstico tem como objetivo avaliar os aspectos legais e os condicionantes envolvidos para justificativa e desenvolvimento do futuro projeto de um epicentro cultural feira livre, na cidade de Ubá-MG. Tomando como base a legislação aplicável ao centro urbano e as leis do plano diretor. É preciso analisar também o entorno, a vizinhança, o loteamento como um todo, aspectos ambientais, enfatizando aspectos de desenvolvimento sustentável. Além disso, o objetivo geral é identificar, analisar e recomendar diretrizes para o projeto, baseado em pesquisas, realizando uma análise crítica qualitativa e comparativa, através do empreendimento.

4.1 ESTUDO DA ÁREA DE PROJETO E SEU ENTORNO

O terreno escolhido para proposta está localizado na cidade de Ubá, Minas Gerais, Av. Comendador Jacinto Soares Souza Lima, 397, Região Central Urbana da cidade.

Título: Mapa do Macrozoneamento do Município de Ubá-MG.

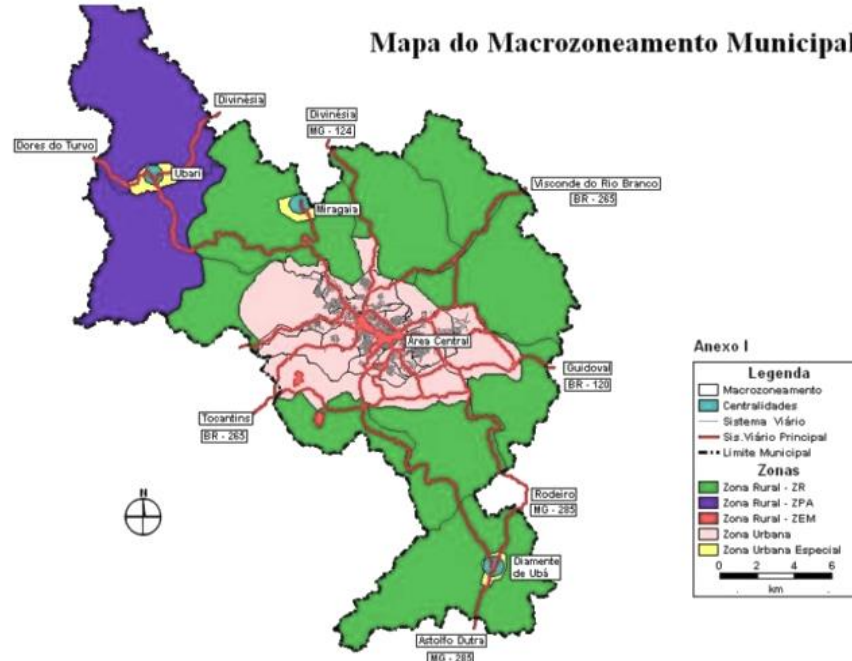


Figura 10: Mapa do Macrozoneamento Municipal de Ubá, s/ data disponível em: <https://www.uba.mg.leg.br/plano-diretor>. Acesso em: 12/11/2019 às 23:08.

Título: Mapa de localização e acesso ao terreno.

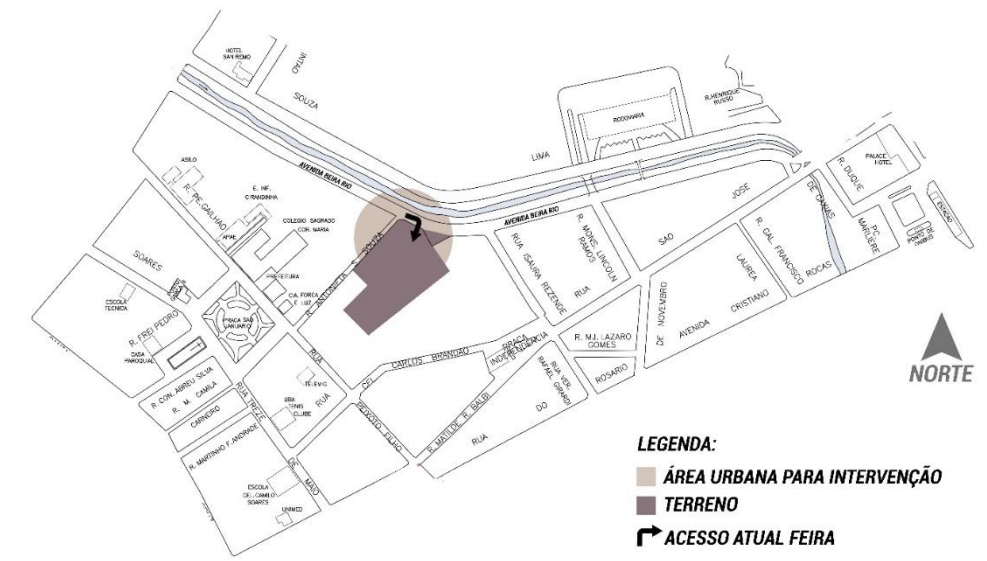


Figura 11: Mapa de localização e acesso ao terreno, arquivo autoral, 16/11/2019.

O acesso atual ao terreno se dá pela Avenida Beira Rio, a qual é a principal via da cidade, ao lado do curso do Ribeirão Ubá que banha a Zona da Mata do estado de Minas Geras observada na (Figura 11). Um dos rios que compõem a bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul. Suas nascentes estão localizadas na Serra da Mantiqueira, no município e atravessa todo percurso da zona urbana da cidade. Esse acesso acontece de forma estreita atrapalhando o movimento dos pedestres e o envolvimento dos feirantes externos com os internos, acontecendo conflitos no trânsito e entre os próprios feirantes.

Título: Entrada Mercado Municipal.



Figura 12: Entrada Mercado Municipal - Imagem autoral, Ubá, 30/10/2019 às 11:42.

A cidade de Ubá oferece o Transporte Público, porém, se encontra em estado precário. Ônibus em estado deplorável e longos horários de passagem, um descaso com a população e dificultando o acesso ao centro da cidade. Como podemos ver nos mapas a baixo (Figura 17) há diversos pontos na proximidade do local estudado, isso é de grande importância para este estudo, pois visar o acesso a proposta através do transporte coletivo é de grande valor, ter atenção em relação as rotas, horários e circunstância dos automóveis disponíveis é de peso gestacional, entretanto dever do arquiteto e urbanista questionar o mesmo.

Título: Mapa análise entorno Mercado.

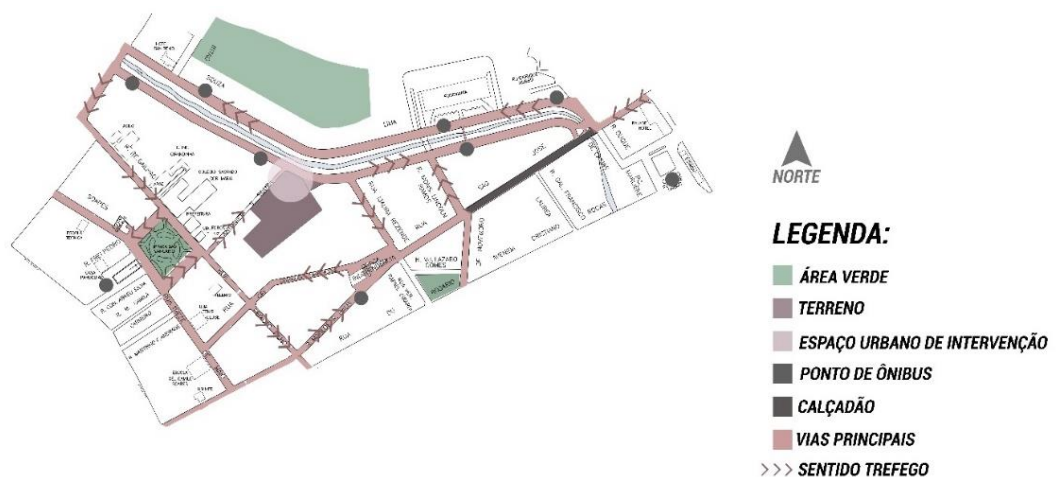


Figura 13: Mapa de localização e acesso ao terreno, arquivo autoral, 16/11/2019.

A articulação viária analisada gira em torno de algumas vias de principal importância, Avenida Beira Rio, Rua Padre Gailhac e Travessa Antonieta Rissi Souza Lima são algumas delas, podendo observar também que todas as vias tem sentido único promovendo o fluxo simples no trânsito Ubaense, complexo e com variações de transporte.

O fluxo de veículos na Avenida Beira Rio é muito intenso, devido ao fato desta ser uma via que conecta à vários bairros. Outro ponto de fluxo intenso é nas ruas próximas a principal praça da cidade onde se localiza o centro comercial, a proposta do empreendimento é possibilitar que os pedestres se desloquem com mais facilidade e fluidez.

A respeito dos transportes individuais como bicicletas, skates, patins e outros, sua prática é muito comum e pode ser vista diariamente no trânsito da cidade. Na imagem abaixo vemos que no dia da feira livre alguns dos integrantes optam por bicicletas para se deslocarem até o evento.

Título: Bicicletas.



Figura 14: Bicicleta - Imagem autoral, Ubá, 30/10/2019 às 11:47.

Apesar das vantagens para o meio ambiente e para o trânsito da cidade, os veículos citados anteriormente podem causar certo transtorno quando não possuem uma via destinada ao seu deslocamento, que, infelizmente, é o caso que ocorre no

nosso estudo. A cidade de Ubá não conta com uma via específica, mais conhecida como ciclovia e muito menos bicicletários espalhados pela cidade. Nas proximidades da feira livre os feirantes acabam por deixar suas bicicletas na própria calçada, o que ocasiona um entupimento na calçada e possivelmente problemas para os pedestres que transitam na área.

A calçada próxima a feira conta com alguns feirantes que não conseguiram seu espaço dentro do próprio mercado e por isso montam suas barracas do lado de fora, por fim ainda temos as deformidades do próprio chão da calçada. Todas essas características citadas a cima acabam por quase impossibilitar a locomoção do pedestre nesta área.

Título: Barracas calçada.



Figura 15: Bicicleta - Imagem autoral, Ubá, 30/10/2019 às 11:47.

Há imagem a baixo nos mostra claramente o entorno central da cidade, com uma breve análise compreendemos que o bairro possui predominância de comércio diurno, atualmente funcionando local de oferta de serviços como: lojas, salões de beleza, sorveterias, lanchonetes e restaurantes. E predominância de equipamentos urbanos: escolas públicas e privadas, praças, prefeitura, igrejas, hospitais, rodoviária e um o único espaço público envolvendo a população no âmbito cultural o fórum da cultura.

Título: Mapa de usos do entorno.



Figura 16: Mapa de usos do entorno, arquivo autoral, 16/11/2019.

Em se tratar de pontos de encontro e atratividade social, a praça São Januário e o Fórum cultural (figura 17), (que se dá em um espaço improvisado, o antigo Fórum da Justiça), seriam os locais públicos com maiores oportunidades para promover atividades voltadas para a cultura e lazer.

Título: Fórum Cultural de Ubá.



Figura 17: Fórum Cultural de Ubá, disponível em: <http://ubanoticias.blogspot.com>. Acesso em: 15/11/2019 às 20:14.

A cidade possui poucos espaços de cultura e lazer voltados para o cidadão, esta deficiência acaba por desinteressar o pedestre de caminhar pelas calçadas da cidade, levando-o a escolher, na maioria das vezes, por seu carro ou moto. Vários fatores ocorrem, quando o pedestre toma esta decisão, dentre eles temos o entupimento das vias pelos automóveis, a poluição sonora que se aumenta e juntamente com ela a poluição ao meio ambiente. Seguindo neste raciocínio, podemos concluir através da análise das (figuras 18,19) que a falta de espaços culturais, lazer e espaços livres para permanência está intimamente ligada ao aumento de volume de automóveis da cidade, ou seja, é perceptível que se as pessoas tivessem o prazer de caminhar pelas calçadas da cidade talvez escolhessem essa opção em vez de encarar trânsitos pesados.

Título: Mapeamento dos espaços públicos do entorno.



Figura 18: Mapeamento dos espaços públicos do entorno, arquivo autoral, 16/11/2019.

Título: Mapa de cheios e vazios.



Figura 19: Mapa de cheios e vazios, arquivo autoral, 16/11/2019.

Dentre esses espaços públicos livres se encontra nosso local de estudo, onde está implantado hoje o Mercado municipal, ambiente que conta com uma extensão territorial de mais de 5.000 m². Atualmente, infelizmente o espaço é mal distribuído, toda a parte não ocupada pelo galpão é utilizada como estacionamento que se encontra na parte frontal do terreno e na parte recuada não existe uso. Apesar de ter uma ligeira utilidade, o estacionamento na maioria das vezes acaba por estar vazio e assim acaba inutilizando uma parcela considerável do terreno.

Título: Estacionamento ao lado do mercado.



Figura 20: Estacionamento ao lado do mercado - Imagem autoral, Ubá, 30/10/2019 às 12:02.

Título: Espaço recuado galpão.



Figura 21: Espaço recuado galpão - Imagem autoral, Ubá, 30/10/2019 às 12:02

Título: Implantação Galpão Mercado Municipal.

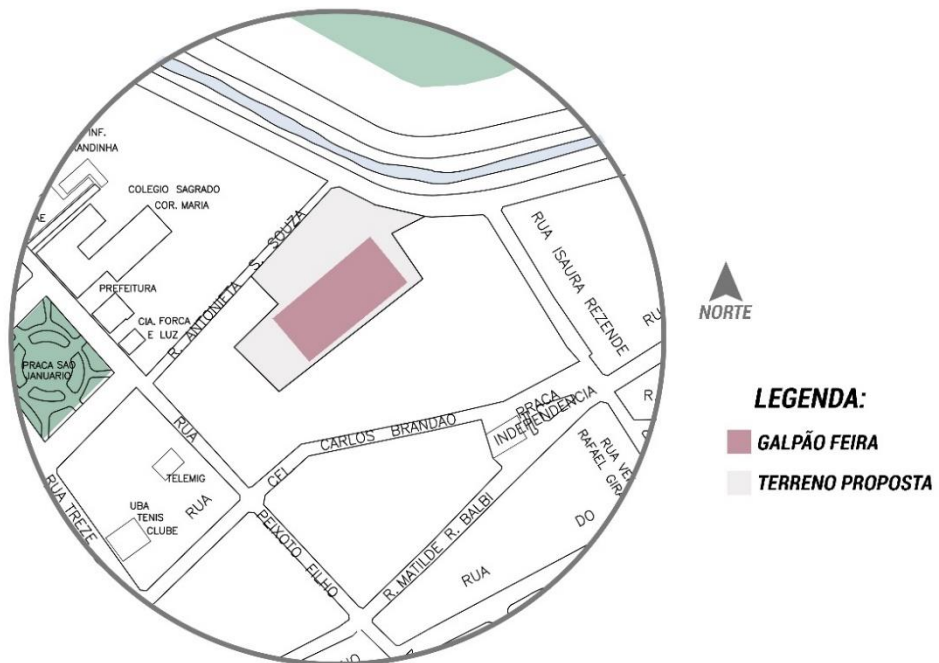


Figura 22: Implantação Galpão Mercado Municipal, arquivo autoral, 16/11/2019.

Inicialmente a proposta seria de manter o galpão e propor um reforma no espaço levando em conta toda uma questão de memória afetiva como já discutimos na monografia, porém, ao visitar o local percebemos que seria inviável tendo em vista que o galpão se encontra em estado de abandono, pilares trincados, piso cedido e grandes trincas no blocos de cimento no fechamento como podemos ver nas fotos abaixo:

Título: Fissura blocos de fechamento galpão.



Figura 23: Trincas blocos de fechamento galpão, arquivo autoral, 15/11/2019 às 14:55.

Título: Infiltração vigas.



Figura 24: Infiltração vigas, arquivo autoral, 15/11/2019 às 15:03.

Título: Fissura pilares.



Figura 25: Fissura pilares, arquivo autoral, 16/11/2019 às 10:43.

As bancas de exposição do mercado são irregulares e sem revestimento e acabam por tornar o espaço sem higiene e impróprio para este tipo de serviço. Coletamos alguns relatos de comerciante de que já tentaram fazer melhorias em seus box, que infelizmente não foram possíveis, por conta de conflitos entre os próprios comerciantes as vezes por inveja ou competição e até mesmo medo de que sua reforma se torne padrão e terem que desembolsar o custo da reforma.

Título: Corredor interno do galpão.



Figura 26: Corredor interno do galpão, arquivo autoral, 15/11/2019 às 14:58.

Título: Corredor interno do galpão.



Figura 27: Corredor interno do galpão, arquivo autoral, 15/11/2019 às 15:00.

Na praça de alimentação do mercado observamos ainda mais o descuido e a falta de higiene, as cabines de frios são completamente desleixadas e sujas, sem segurança alguma para o consumidor, trazendo riscos para o comerciante e para o consumidor.

Título: Box Alimentos.



Figura 28: Box alimentos, arquivo autoral, 15/11/2019 às 15:05.

Dentro do estacionamento citado anteriormente, encontramos, em seu lado esquerdo, um aglomerado de lojas que funcionam diariamente em um tipo de “puxadinho”, atividade que se desenvolve de forma irregular, improvisada e completamente largada, o descaso da prefeitura para com o local é mais do que perceptível.

Título: Comércio estacionamento.



Figura 29: Comercio estacionamento, arquivo autoral, 15/11/2019 às 15:34.

Em nossa pesquisa de campo, coletamos informações a partir de pequenas entrevistas com alguns integrantes da feira, a respeito da administração do local, estrutura e sobre o que achavam da proposta do estudo.

Sobre a estrutura do mercado obtivemos opiniões que mostraram inconformismo com o ambiente do galpão. A cidade de Ubá tem durante quase todo ano temperaturas elevadas e o Mercado não possui nenhum sistema de refrigeração ou ventilação, o que acarreta um abafamento em seu interior que incomoda desde os feirantes até consumidores. Além desta questão foi citado por alguns que embaixo do galpão haveria uma galeria antiga, que atualmente se encontra fechada, segundo eles esta galeria possui uma estrutura frágil e quando recebe peso demasiado acaba cedendo, por conta disso o chão do galpão se afunda em alguns lugares. Esse fato também impede que qualquer peso em excesso entre no galpão, por exemplo, carros e caminhões são proibidos de adentrar no espaço. Apesar do Mercado ter um tamanho razoável, este não é suficiente para conter a demanda de feirantes e com isso muitos acabam por ter que montar suas barracas no lado de fora do mercado. Nas entrevistas que constatamos essa informação, os feirantes que não possuem seus boxes dentro do galpão entram em desvantagem tanto por terem de montar barracas com

armações, como também em momentos de chuva, que acaba molhando todos os seus produtos e atrapalhando as vendas.

Título: Feirantes calçada.



Figura 30: Feirantes calçada, arquivo autoral, 16/11/2019 às 12:05

O local está mal organizado, os feirantes não concordam entre si o que impossibilita qualquer tentativa de melhoria do local, alguns deles relataram que pagavam certo aluguel outros por outro lado alegaram nunca o ter feito. A situação é confusa, e não há presença da prefeitura no local.

A proposta foi de imediato bem vista por todos os feirantes que consentiram que o galpão precisava passar por mudanças estruturais, desde uma reforma como também na implementação de novos usos e aumento do espaço. Todos reconhecem a importância do local e seu potencial econômico cultural para a cidade.

A área de implantação do projeto possui um potencial de transformação gigantesco, devido ao fato de estar em meio a uma grande movimentação populacional, podendo condicionar ou ser condicionada pela configuração espacial. As modificações produzidas pela intervenção da população no espaço podem resultar em aspectos agressivos à região habitada, necessitando assim de ações e planejamento que apliquem medidas capazes de firmar a utilização correta e sustentável dos recursos já existentes neste território urbanizado.

6 ESTUDO DE CASOS

A compreensão dos estudos feitos dentro do tema é de grande importância, tendo em vista que eles traçam o caminho de entendimento dos fenômenos do assunto. O foco da procura foi atrás de projetos voltados para coletividade, espaços que possam ser utilizados de forma mais eficiente e orgânica. Cada estudo selecionado, adiciona e melhora a pesquisa em diversos aspectos dentre eles conceitos, técnicas, teorias e o retorno delas à comunidade.

6.1 MERCADO DA BOCA – NOVA LIMA – MG

O primeiro projeto que será apresentado representa um novo pensamento de mercado, lugar de contemplação, encontros e muita cultura compartilhada. Cenário que me encanta com a interação humana em busca de troca de energia e cultura, possibilitando um lugar para todos. A junção de amor por Minas e pela boa conversa o Mercado da Boca traz referências em seu segmento com a presença de chefs conceituados e o empoderamento dos produtores locais.

Localizado no Jardim Canada, Nova Lima - MG. Espaço simples, descontraído e charmoso, feito para um encontro familiar, para um passeio com os amigos ou apenas provar uma boa culinária a sós. “É para celebrar. Para matar a fome. Para matar a saudade. Para se encontrar e para se perder.” Composto por diversas oportunidades, o projeto vai além de comida, oferecendo diversão, arte, empório, loja com produtos exclusivos e espaços para cursos, eventos e atividades para crianças. Contando com um total de 30 atrações em um ambiente de 4mil m² o importante é valorizar o prazer de se comer bem e democratizar o acesso à alta gastronomia com ingredientes de primeira e pratos assinados por grandes chefs a preços acessíveis.

Projeto elaborado pelo Arquiteto Gustavo Penna em parceria com a AR.Lo e a Bloc, moldando um ambiente lembrando as feiras beneficentes com suas barraquinhas descontraídas, buscando inspiração no jeitinho mineiro de conviver e

comer. Tem torre de panela no salão, estandes com chaminés, luzinhas de interior, arquibancada de horta. Elementos que nascem como uma brincadeira e representam a dimensão lúdica da arquitetura (ARCHDAILY, 2018).

Título: Fachada Mercado Boca.



Figura 31: Fachada Mercado Boca, Nova Lima - MG, s/ data disponível em: <https://mercadodaboca.com.br/o-mercado/> Acesso em: 17/10/2019 às 15:29.

Título: Interior Mercado Boca.



Figura 32: Interior do Mercado Boca, Nova Lima - MG, s/ data disponível em: <https://mercadodaboca.com.br/o-mercado/> Acesso em: 17/10/2019 às 15:33.

Foi na procura das propriedades do universo da culinária e do mercado, que GPA&A conduziu aos ambientes cores do quadro “A última Ceia”, de Manuel da Costa de Ataíde. Mas o mais surpreendente neste projeto é a torre de 9 metros de altura,

mesclada por painéis de diversos tamanhos, integradas por dois pavimentos, atraindo olhares e conectando um pavimento ao outro. Se tornaram ponto de referência dentro do mercado e expressam: sabores, pratos e possibilidades que o Mercado pode vir à oferecer.

“Painel, painelinho, painelaço. Todas as painéis do mundo estão ali. A comida que saboreamos vem dela. É nela que é feita a alquimia da comida, onde a mágica acontece”, diz Penna (ARCHDAILY, 2018).

Título: Torre de painéis.



Figura 33: Torre de painéis no interior do Mercado Boca, Nova Lima - MG, s/ data disponível em: <https://mercadodaboca.com.br/o-mercado/> Acesso em: 17/10/2019 às 15:31.

Título dado pelo próprio Arquiteto, o nome Mercado da Boca é singelo, direto e forte, resumindo em: a boca. É por ela que entra a comida e sai a conversa. Uma denominação ligada à gastronomia de forma natural.

O edifício já existente, acolhia o Jardim Casa Mall, o espaço permitiu com que a criação de um ambiente integrado e cheio de possibilidade surgisse. O novo recinto conta com grandes operações como cervejarias, adegas de vinhos, restaurantes e muito mais. A proposta é oferecer uma experiência única, democrática, com várias opções de comida, bebida e produtos em um ambiente confortável e descomplicado (ARCHDAILY,2018).

Título: Planta baixa pavimento inferior.

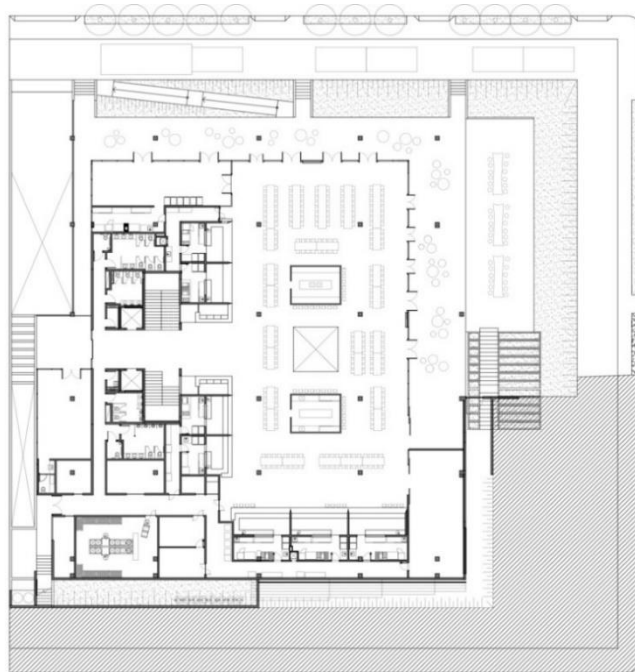


Figura 34: Planta baixa pavimento inferior Mercado Boca, Nova Lima - MG, s/ data disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/914895/mercado-da-boca-gustavo-penna?ad_source=search&ad_medium=search_result_projectsAcesso em: 17/10/2019 às 15:43.

Título: Planta baixa pavimento superior.

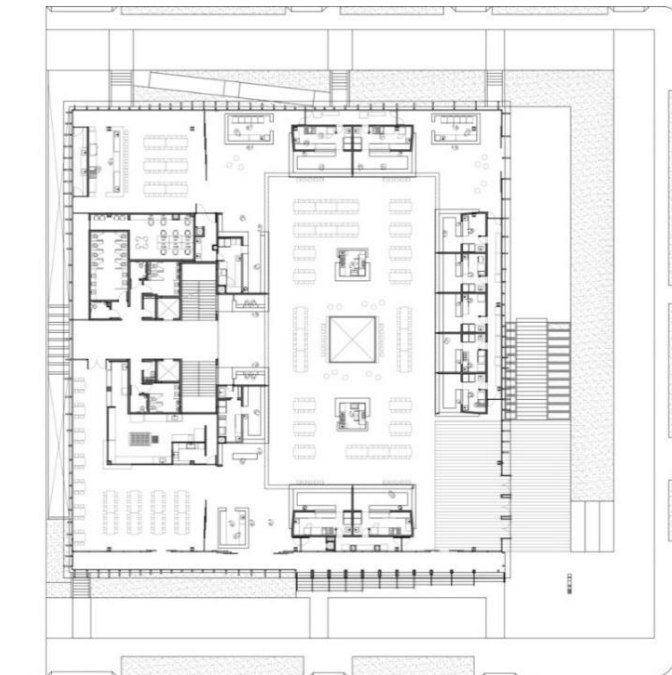


Figura 35: Planta baixa pavimento inferior Mercado Boca, Nova Lima - MG, s/ data disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/914895/mercado-da-boca-gustavo-penna?ad_source=search&ad_medium=search_result_projectsAcesso em: 17/10/2019 às 15:45.

Título: Corte.

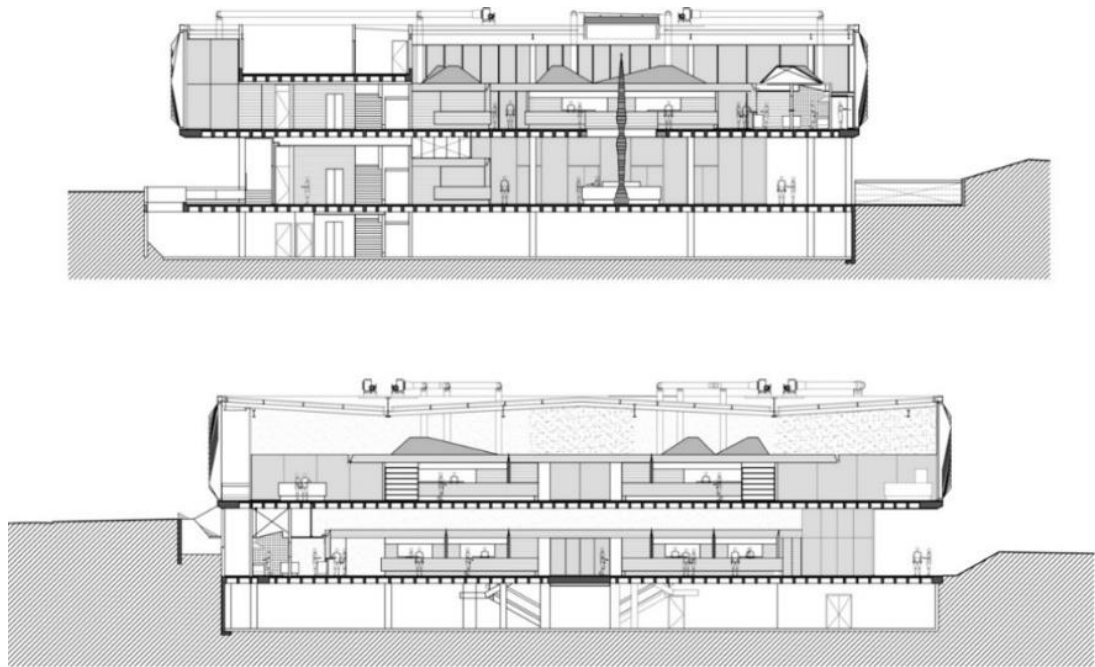


Figura 36: Planta baixa pavimento inferior Mercado Boca, Nova Lima - MG, s/ data disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/914895/mercado-da-boca-gustavo-penna?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects Acesso em: 17/10/2019 às 15:47.

6.2 MERCADO DA RIBEIRA - LISBOA – PORTUGAL

Para um melhor entendimento do estudo de casos do Mercado da Ribeira será importante referenciar algumas fases do mercado ao longo do tempo. Observa-se que a configuração atual, corresponde a transformações do edifício construído no final do século XIX. No século XVI, surgiu o Mercado da Ribeira Velha, situado no atual Campo das Cebolas, onde se vendiam legumes, peixe e frutas. Posteriormente, em 1766, Marques de Pompal manda construir o Mercado da Ribeira, para a venda de peixes espalhada pela cidade se concentrando em um único lugar. Em 1771, inicia-se no local o Mercado da Ribeira Nova. Este tinha 132 telheiros/cabanas e 256 bancas de venda. (MEDEIROS, 1994 apud GOMES, 2017, p.54)

Por razão de higiene e salubridade, em 1882, o mercado da Ribeira Nova é demolido e dá lugar a um novo edifício com maior intensidade, com uma cobertura de estrutura em ferro, projetada pelo Engenheiro Ressano Garcia. Retiram-se os telheiros/cabanas que dão lugar a bancas organizadas por um corredor central, onde se tinha acesso a água. (MEDEIROS, 1994 apud GOMES, 2017, p.54 e 55)

De acordo com MEDEIROS (1994 apud GOMES 2017) O atual projeto era um edifício com um desenho de alçado em simetria, de planta retangular. As duas entradas nas extremidades acedem a um corpo estreito e comprido, com corredores de distribuição para vários compartimentos de venda. A entrada principal conduz ao pátio central do mercado, local composto por bancas de venda cobertas com estrutura metálica, e também com venda ordenada por um conjunto de bancas móveis, como se de uma feira se tratasse. Enfatizado por um corredor transversal, as entradas nas laterais do mercado permitiam a permeabilidade para com os espaços urbanos adjacentes.

Título: Pátio interno mercado 24 de Julho no Século XX.



Figura 37: Pátio Interno Mercado 24 Julho, Lisboa, Portugal, s/ data. Fonte: GOMES, 2017, p. 55. Acesso: 20/10/2019 às 00:35.

Título: Pátio interno mercado anterior a 1893.



Figura 38: Pátio Interno Mercado 24 Julho, Lisboa, Portugal, s/ data. Fonte: GOMES, 2017, p. 55. Acesso: 20/10/2019 às 00:37.

Título: Pátio interno mercado anterior a 1893(02).



Figura 39: Pátio Interno Mercado 24 Julho, Lisboa, Portugal, s/ data. Fonte: GOMES, 2017, p. 56. Acesso: 20/10/2019 às 00:42.

Onze anos após a inauguração do mercado, em 1893, ocorre um incêndio que destrói grande parte do edifício. Segundo MEDEIROS, (1994) - Antigos Lugares de Vender. p. 29 Apud GOMES, 2017, p. 55, a sua reconstrução foi rápida e imediata originando um funcionamento precário que, aliado a um aumento da procura, conduziu a uma perspectiva de ampliação deste mercado por parte da Câmara de Lisboa.” Posteriormente em 1930 concluiu a reconstrução do mercado e se executa uma nova ampliação, um projeto do Arquiteto João António Piloto. A ampliação do mercado implicou que se estabelecesse uma nova entrada principal, assinalada com uma cúpula e lanternim.

Título: Esquema de reconstrução do mercado- Alçado Principal.

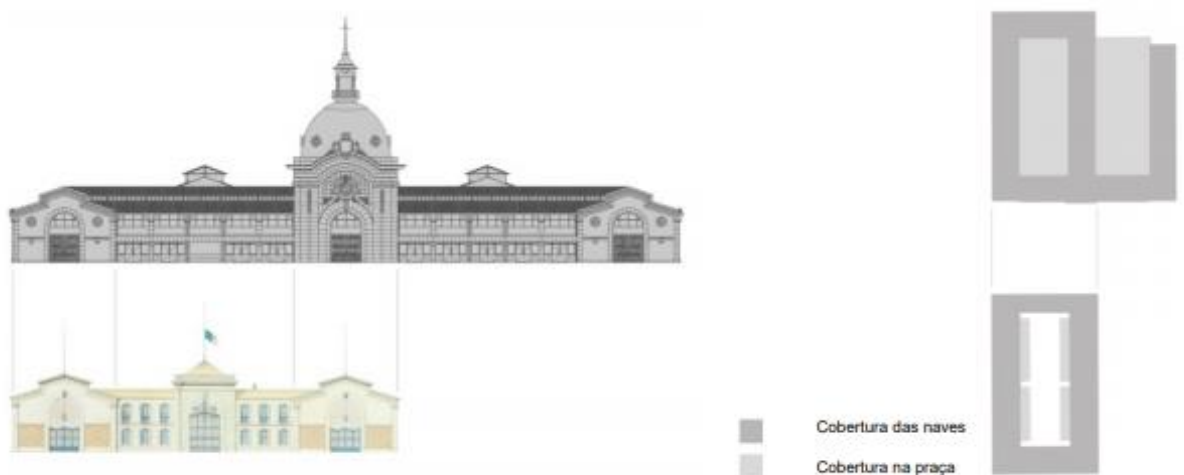


Figura 40: Pátio Interno Mercado 24 Julho, Lisboa, Portugal, s/ data. Fonte: GOMES, 2017, p. 57. Acesso: 20/10/2019 às 00:47.

No decorrer do século XX, o mercado sofre duas intervenções relevantes, em 1940, foram introduzidos na fachada vãos em vidro com caixilharia em ferro e, em 1980, um matadouro de aves que tomava lugar no mercado é extinto e o espaço é recuperado. Também nessa última intervenção são construídas lojas na fachada norte do edifício (MEDEIROS, 1994 apud GOMES, 2017, p. 56).

Título: Organograma funcional.



Figura 41: Pátio Interno Mercado 24 Julho, Lisboa, Portugal, s/ data. Fonte: GOMES, 2017, p. 58. Acesso: 20/10/2019 às 00:54.

A partir da década de 90 do século XX, introduziu-se gradualmente a componente cultural no mercado, sendo que no ano de 2001, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa afirma que a reabilitação deste edifício histórico, permite que possa acolher novas formas de comércio, com o intuito de inovar e trazer mais pessoas para o espaço de mercado (MEDEIROS, 1994 apud GOMES, 2017, p. 56).

Sabendo adaptar-se à transformação dos hábitos dos consumidores ao longo dos tempos, o Mercado da Ribeira foi sempre capaz de alterar esquemas de funcionalidade e mudar a oferta dos seus produtos (VARANDA, 2001 apud GOMES, 2017, p. 57).

Título: Fachada Mercado Ribeira após a última intervenção.



Figura 42: Fachada Mercado Ribeira, Portugal, Lisboa, s/ data disponível em: <https://www.viajenviagem.com/2014/11/mercado-da-ribeira-o-novo-espaco-gastronomico-moderninho-de-lisboa/> Acesso em: 17/10/2019 às 20:30.

Título: Interior Mercado Ribeira após a última intervenção.



Figura 43: Interior do Mercado Ribeira, Portugal, Lisboa, s/ data disponível em: <https://dicasdelisboa.com.br/2018/03/mercado-da-ribeira-em-lisboa.html> Acesso em: 17/10/2019 às 20:36

6.3 PAVILHÃO DO BRASIL - MILÃO - ITÁLIA

Combinar a arquitetura e cenografia foi um grande desafio ao criar o pavilhão do Brasil para a Expo Milão 2015, diz o Studio Arthur Casas e o Atelier Marko Brajovic. Proporcionar aos visitantes a experiência dos valores brasileiros e as aspirações de nossa agricultura diante do tema proposto: alimentando o mundo com soluções, era a concepção projetual do estúdio. Mais que um edifício temporário, a imersão sensorial integrando momentos lúdicos, informações científicas de ponta, interação e aprendizado, foram os pilares da minha motivação para inserir o projeto neste estudo. O ambiente lúdico e a valorização da agricultura brasileira são os alicerces desta tese.

A concepção da rede flexível, fluída e descentralizada permeia todos os aspectos do edifício e representa a diversidade do Brasil. Em meio a construções de mais de 130 países, nosso pavilhão propõe um respiro, a intenção de uma praça que convida ao encontro e à descoberta.

Título: Pavilhão do Brasil.



Figura 44: Pavilhão do Brasil, Milão, Itália, s/ data disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic> em: 17/10/2019 às 19:27.

Permeável como a cultura brasileira, um grande volume aberto acolhe os visitantes e estabelece um percurso por entre as mais variadas espécies aqui cultivadas. Os tons terrosos da estrutura em ferro ressaltam essa brasilidade e a

transição gradual entre o interior e o exterior apaga os limites entre arquitetura e cenografia. A metáfora da rede é materializada por uma estrutura tensionada que cria inusitados locais de descanso e lazer. Grande instrumento musical, ela vai gerar sons de acordo com a quantidade de visitantes e seus movimentos. Como na arquitetura modernista dos pavilhões nacionais ao longo da história, generosas rampas reforçam a fluidez entre os espaços (ARCHDAILY,2015).

Título: Pavilhão do Brasil.

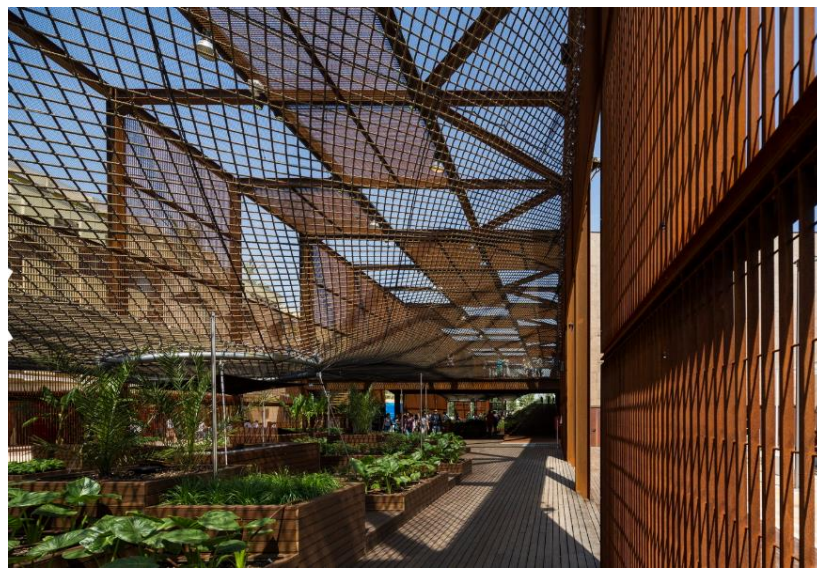


Figura 45: Pavilhão do Brasil, Milão, Itália, s/ data disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic> em: 17/10/2019 às 19:49.

Diferentes temas inspiraram clusters distribuídos pelo térreo do pavilhão, organizados em torno de ideias como nutrição, agricultura familiar, sistemas agroflorestais e integração entre lavoura e pecuária. Caixas com plantas, organizadas na trama ortogonal, criam percurso sinuoso, inspirado no desenho dos meandros do Amazonas. A trama cartesiana sobrepõe-se ao paisagismo em diálogo entre a mão do homem e a obra da natureza. Deambulando por entre as plantas, visitantes encontrarão mesas interativas sob a vasta rede que participa da demarcação fluída entre as temáticas (ARCHDAILY,2015).

Título: Pavilhão do Brasil.

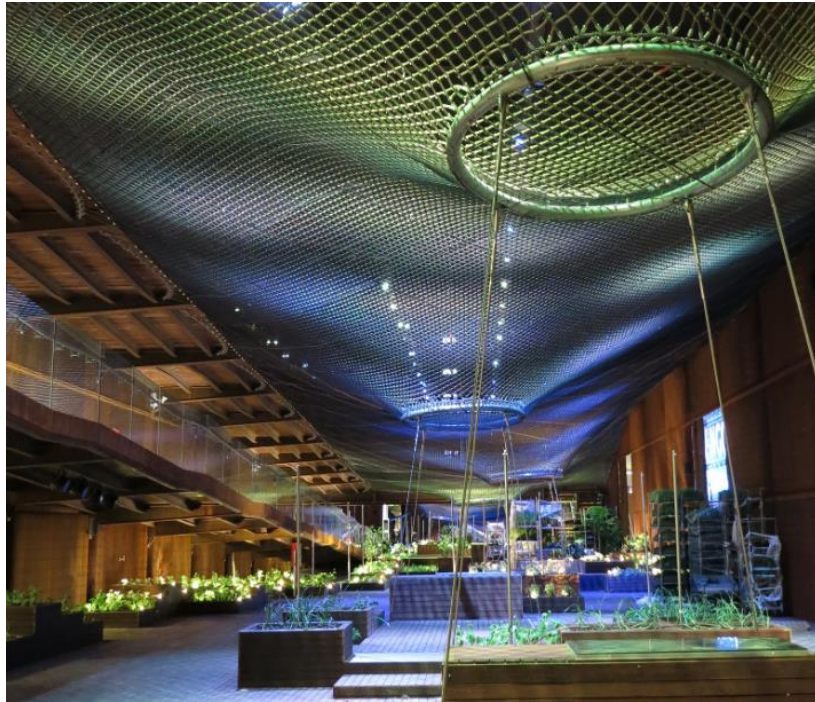


Figura 46: Pavilhão do Brasil, Milão, Itália, s/ data disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic> em: 17/10/2019 às 19:35.

A galeria na lateral do terreno, revestida em cortiça, abriga espaços expositivos, auditório, pop-up store, café, lounge para eventos, restaurante e administração, interligados por um grande átrio que traz luz natural. Artistas e designers brasileiros irão expor peças que demonstram a riqueza criativa do país, ao lado de instalações interativas que narram a revolução em curso na agricultura e pecuária brasileira, graças às pesquisas de empresas como a EMBRAPA.

A sustentabilidade é onipresente, por meio de um sistema de montagem e desmontagem eficiente com elementos pré-fabricados modulares, mecanismos de reaproveitamento da água, além do emprego de materiais certificados e recicláveis. Parte fundamental da experiência, a racionalidade da arquitetura efêmera demonstra que é possível gerar significado e conteúdo com poucos recursos e reduzido impacto ambiental (ARCHDAILY,2015).

Título: Pavilhão do Brasil.

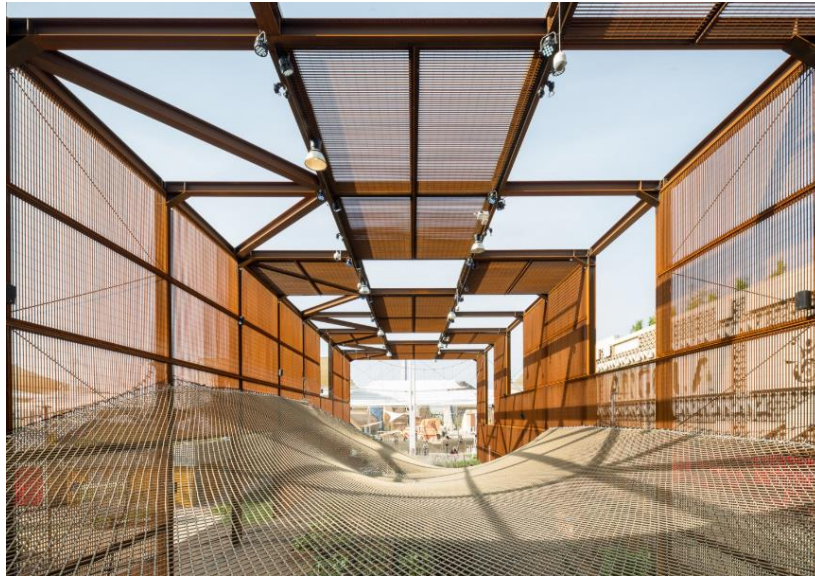


Figura 47: Pavilhão do Brasil, Milão, Itália, s/ data disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic> em: 17/10/2019 às 19:42.

O pavilhão do Brasil na Expo Milão 2015 almeja agregar novos elementos à tradicional participação nacional nesse tipo de evento. Com olhos no futuro, busca demonstrar que o Brasil logrou excelência em uma das áreas cruciais para a humanidade, a alimentação, em permanente movimento de criação novos paradigmas no relacionamento de sua sociedade com a natureza, em simbiose transformadora, capaz de traçar novas estratégias para o país.

Mais que marcar a presença dentre tantas outras nações, o pavilhão brasileiro almeja inspirar curiosidade e engendrar novos relacionamentos para além dos seis meses do evento, demonstrando ser possível concretizar utopias e inspirar soluções que, como o tema da Expo 2015, alimentem o planeta e tragam energia à vida (ARCHDAILY,2015).

Título: Pavilhão do Brasil.

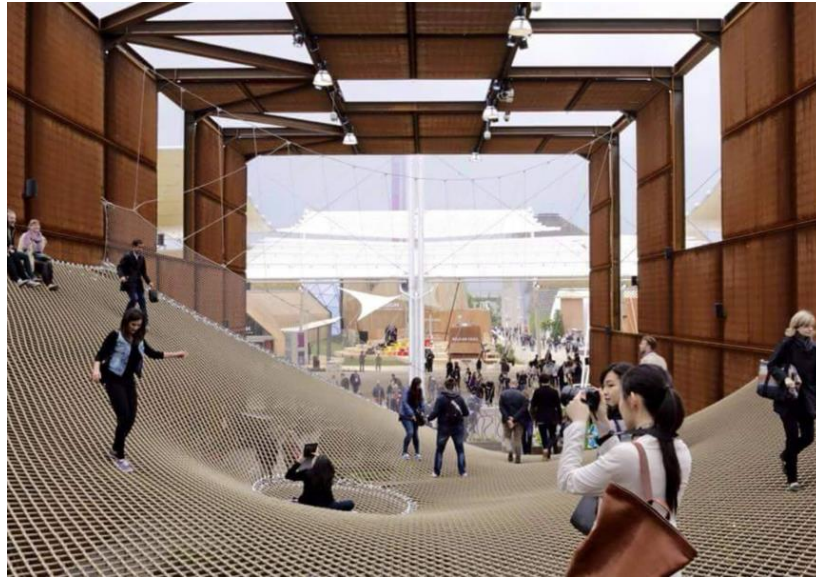


Figura 48: Pavilhão do Brasil, Milão, Itália, s/ data disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic> em: 17/10/2019 às 19:45.

7 PARTIDO PROJETUAL

Localizado na cidade de Ubá, Minas Gerais, Av. Comendador Jacinto Soares Souza Lima, 397, Região Central Urbana da cidade. O terreno selecionado tem como vias de acesso Av. Comendador Jacinto Soares Souza Lima e via lateral de acesso à Travessa Antonieta Rissi Souza Lima.

O objetivo é projetar um Epicentro Cultural Feira Livre propondo a Requalificação do atual Mercado Municipal (Feira Livre) da cidade, em conjunto com uma nova modalidade de paisagismo, que contará com grades espaços verdes fora e dentro do edifício. O edifício será criado com um espaço voltado para alimentação natural e atividades manuais como o artesanato, com função especial de auxiliar a cura diária através da alimentação saudável e terapias manuais.

A área exposta anteriormente resiste a altas temperaturas e com a pouca ventilação durante quase todo o ano, isso atingindo drasticamente o local estudo como podemos observar no mapa abaixo.

Título: Estudo de ventilação e insolação.

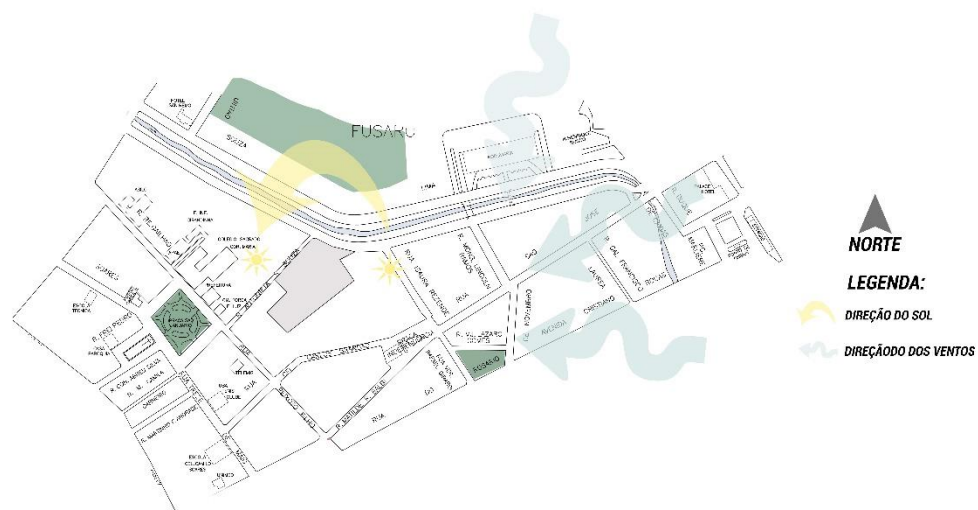


Figura 49: Estudo de ventilação e insolação, arquivo autoral, 16/11/2019.

Contará então com espaços verdes e com a presença dos elementos naturais como a madeira, bambu e a própria água, tornando os ambiente com conforto térmico necessário e aproximar o meio natural com o urbanístico sendo comum este

afastamento nos dias atuais. O objetivo também é tornar o espaço livre público um refúgio da agitação urbana, envolvendo a arte, cultura e alimentação.

Título: Estudo de implantação.

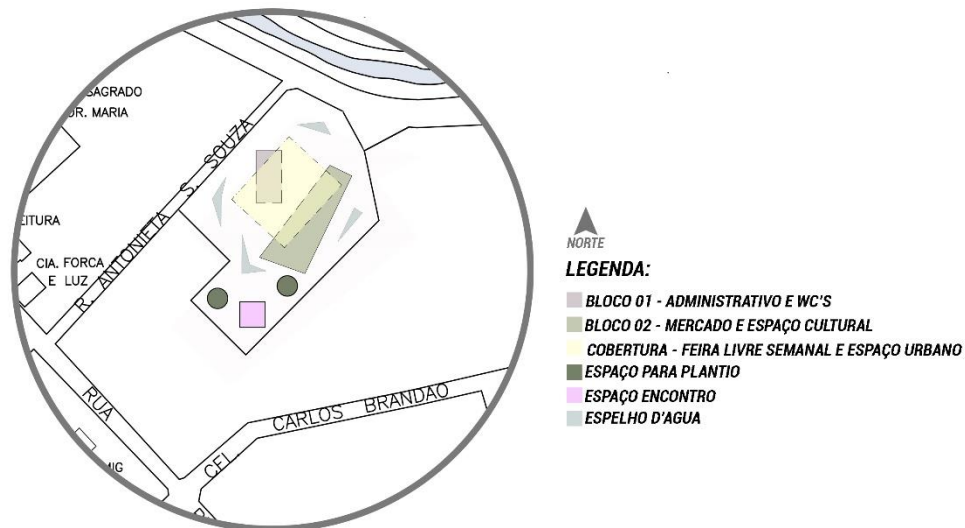


Figura 50: Estudo de implantação, arquivo autoral, 16/11/2019.

Uma tática projetual usada para uma melhor iluminação e ventilação de todo edifício, será um cobertura toda em madeira elevada, deixando um espaçamento entre os blocos fixos. A vegetação também poderá ser utilizada na cobertura, criando um telhado verde para melhor climatização dentro do edifício e com isso economizando a utilização de ar condicionado. Já na parte de fechamento externo na edificação utilizará fechamento em brises de bambos ou madeira deixando um espaçamento de ventilação entre o interior dos blocos coberto de vegetação com o mesmo objetivo das coberturas.

Na parte de fora será projetado alguns espelhos d'água que tem como função além da climatização, a captação de água de chuva para reutilização da mesma. Pensando na arte e na agricultura urbana criaremos dois outros espaços externos voltados ao público passante (aqueles que passam no local e não observam o seu entorno), designamos um local para um mobiliário de permanência em grande escala, onde pudesse acontecer grandes encontros sem adentrar ao edifício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo fica claro a vontade de expandir a prática do produtor local como manifestação cultural. Conduzindo juntamente a relação do homem com cidade, espaço de encontro e espaços livres urbanos para permanência, aproximando a feira livre ao meio urbano, evento efêmero, milenar e de grande carga social, transbordando costumes e diversidades.

As transformações no espaço urbano na cidade de Ubá advinda das influências econômicas, culturais e sociais impostas pelos condutores econômicos capitalistas dominantes, contribuíram para o processo da feira. O foco no polo industrial distanciou quaisquer movimento cultural e social na cidade, tornando-a monótona e sem traços típicos.

Nessa perspectiva observamos que essa atividade apresenta grandes problemas, como organização, infraestrutura, limpeza e segurança que passam pela falha da gestão municipal nesse espaço público. Existe a necessidade de delinear questões a serem reparadas e medidas implantadas objetivando a potencialização o espaço do atual mercado.

Sabemos da urgência de melhorias na infraestrutura e organização, mas é importante que se tenha uma sensibilidade para que sejam mantidas as próprias características físicas e culturais da feira livre, sem descaracterizar sua essência. Isto é, que se tenha ponderação entre as alterações e os aspectos culturais e sociais. Que através do projeto de requalificação, tenha essa percepção das necessidades reais do mercado e do período presente que vivemos, tornando-o local de grandes encontros e trocas.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI M. PISE A GRAMA. *Pequenos agricultores*. Disponível em: <<https://piseagrama.org/pequenos-agricultores/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- ANDRADE, A. A. D; A FEIRA LIVRE DE CAICÓ/RN: *Um cenário de tradição e resistência às novas estruturas comerciais modernas*. 2015.
- ARCH DAILY. *Mercado da Boca / Gustavo Penna Arquiteto e Associados + AR.Lo Arquitetos + Bloc Arquitetura*. 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/914895/mercado-da-boca-gustavo>>. Acesso em: 2 nov. 2019.
- ARCHDAILY. *Expo Milão Pavilhão do Brasil por Fernando Guerra*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/771481/expo-milao-2015-pavilhao-do-brasil-por-fernando-guerra?ad_medium=widget&ad_name=recommendation>, 2015Acesso em: 24 set. 2019.
- ARCHDAILY. *Expo Milão: Pavilhão do Brasil / Studio Arthur Casas + Atelier Marko Brajovic*. 2015 Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic>>. Acesso em: 24 set. 2019.
- BARBOSA, M. B. D. F; *Reinventar o espaço urbano: Mercado público do Benfica*, 2016.
- BARBOSA, M. B. D. F; *Reinventar o espaço urbano: Mercado público do Benfica*, 2016.
- BORGES, Adélia; *Design + Artesanato: O caminho brasileiro*, 2017. p. 11-229.
- DOLZANI, G. M. M. C. S. *Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea*. Ateliê Geográfico, Goiânia-GO, v. 2.
- FEIRA NA ROSENBAUM. *Usar o design para expor a alma brasileira*. Disponível em: <<https://feiranarosenbaum.com.br/>>. Acesso em: 1 nov. 2019.
- FEIRENSES. *As feiras de Feira de Santana*. 2018. Disponível em: <<https://feirenses.com/feiras-feira-de-santana/>>. Acesso em: 27 set. 2019.
- GEHL, Jan; *Cidades para pessoas*. 3. ed. São Paulo: perspectiva, 2017.
- MARIANA PUGLISI. *Projeto epicentro feira livre*, 2010. Disponível em: <<https://marianapuglisi.wordpress.com/portfolio/tfg-construir-selas-urbanas/>>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- MERCADO DA BOCA. Disponível em: <<https://mercadodaboca.com.br/o-mercado/>>. Acesso em: 28 out.2019.

MERCADO DA BOCA. Título da matéria. Disponível em: <<https://mercadodaboca.com.br>>. Acesso em: 28 out. 2019.

MEXICAN ROUTES. Chinampa - *Agricultura mesoamericana*. Disponível em: <<https://mexicanroutes.com/chinampas/>>. Acesso em: 27 set. 2019.

OLIVEIRA, J. S. D; *Feira Livre: quando o cotidiano desenha a cidade*. SP, 2016.

PIRES, Vicente Chiaramonte; *Agricultura Urbana como Fator de Desenvolvimento Sustentável: Um Estudo na Região Metropolitana de Maringá*. Edição. [S.l.: s.n.], 2016 Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/rpe/article/viewFile/21318/21835>>. Acesso em: 10 nov.2019.

PROGRAMA ARTE BRASIL. *História do Artesanato*. Disponível em: <http://www.programaartebrasil.com.br/hist_artesanato/hist_arte.asp>. Acesso em: 15 out. 2019.

PROJETO AGROECOLÓGICO. *Projeto de Transição Agroecológica em Ubá-MG*. 2019 Disponível em: <<https://www.agroecoparatodos.com/feira-de-transicao-agroecologica-ub>>. Acesso em: 1 nov. 2019.

PUGLISI, M. D. C; *Construir Selas Urbanas*, SP, 2010.

ROSENBAUM, C; FEIRA NA ROSENBAUM. *A feira Usa o design para expor a alma brasileira*, 2019. Disponível em: <<https://feiranarosenbaum.com.br/a-feira/>>. Acesso em: 11 out.2019.

ROSENBAUM. *Manifesto A Gente Transforma*. Disponível em: <<http://rosenbaum.com.br/>>. Acesso em: 18 out. 2019.

SILVA, A. C. S. E; *Memória e toponímias: uma análise da paisagem cultural no município de Ubá-MG*, 2017. p. 5-111. Disponível em:<<https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/18245/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 out. 2019.

STUDIO ARTHUR CASAS. *Expo Milão Pavilhão do Brasil*. 2015 Disponível em: <<https://www.arthurcasas.com/app/uploads/2018/10/factsheet-expo-milao-pt.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2019.

TUAN, Y. - F; *Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência*. 5. ed. São Paulo, Difel, 1983.

UBÁ - PREFEITURA. *História e Evolução*. 2010. Disponível em: <<http://www.uba.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/uba---historia-e-evolucao/6495>>. Acesso em:12 nov. 2019.